

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CANTOS
DO ERMO E DA CIDADE

POR

LUIZ N. FAGUNDES VARELLA

SEGUNDA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, livreiro-editor

71, RUA DO OUVIDOR, 71

1880

A VENDA NA MESMA LIVRARIA



José de Alencar. — O Demonho familiar, comedia em 4 actos, 2ª edição, 1 vol. br.....	1#500
— Mã, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 vol. br.....	2#000
— Verso e Reverso, com. em 2 actos, 2ª edição, 1 v. br.....	1#000
— As Azas de um Anjo, com. em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição, 1 vol. br.....	2#000
J. Norberto de S. e S. — Brasileiras celebres, 1 vol. in-8º enc....	2#000
— Flores entre espinhos, contos poeticos, 1 vol. in-8º enc.....	2#000
Eugenio Sue. — A Inveja, 1 vol. in-fº. enc. 5#, br.....	4#000
— A Ira, 1 vol. in-fº. enc. 3#, br.....	2#000
— A Sobërba, 1 vol. in-fº. enc. 8#, br.....	6#000

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

Alencar (J. de) — O Guarany, rom. brasileiro, 4º edição. 2 vol. in-8º br. 6#, enc.....	8#000
Smiles. — O Character, 1 vol. enc. 4# br.....	3#000
Castilho. — D. Ignez de Castro, drama, 1 vol. enc. 4#, br.....	3#000
Macé. (João) — Historia de um bocadinho de pão, cartas a uma menina ácerca da vida do homem e dos animaes, 1 vol. in-8º enc. 4#, br..	3#000
— Os Servidores do estomago (continuação do precedente) 1 vol. in-8º enc. 4#, br.....	3#000
Hugo (Victor). — Noventa e Tres, Guerra civil, 1 grosso vol. in-8 enc. 4# br.....	3#000
Verne (Julio). — Vinte Mil Leguas Submarinas, 1 grosso vol. in-8 enc. 4#, br.....	3#000
— O Capitão Hatteras, 1 vol. in-8º enc. 4#, br.....	3#000
— Un Capitão de 15 annos, 1 vol. in-8º enc. 4#000, br.	3#000
Kardec (Allan). — O Livro dos Espiritos, 1 vol. in-8º enc. 4#, br....	3#000
— Livro dos medlums ou guia dos mediums, e dos evocadores, 1 vol. in-8º 4#000, br.	3#000
— O céu e o Inferno, ou a justiça divina, 1 vol in-8º enc. 4#, br.....	3#000
— O Evangelho segundo o Espiritismo, 1 vol. in-8º enc. 4 br.....	3#000
Debay (A). — Physiologia do Matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados, nas suas mais curiosas particularidades, 1 grosso vol. in-8º enc. 4#, br.....	3#000
Brown. — A conquista do ar, 1 vol. enc. 4#, br.....	3#000
Musset. — Novellas. 1 vol. eno 4#, br.....	3#000
— Confissões de um Filho do Seculo, 1 v. enc. 4#000, br.	3#000
Figuiet. — Depois da morte ou a vida futura segundo a sciencia, 1 vol. in-8º enc. 4#, br.....	3#000
Flammarion. — Os mundos imaginarios e os mundos reaes, 1 vol. in-8º enc. 4#, br.....	3#000

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

COLLECÇÃO IN-8º A 2#000 O VOL. BROCHADO

Alencar (J. de) O Sertanejo, romance, 2 vol. enc.....	6#000
— Ubirajára, lenda Tupy, 1 vol. enc.....	3#000
— O Ermitão da Gloria, A alma de Lazaro, 1 vol. enc.....	3#000
— O Garatuja, chronica dos tempos coloniaes, 1 vol. enc.....	3#000
— Iracema, lenda do Ceará, 2ª edição, 1 vol. enc.....	3#000
— Viuvinha e os cinco Minutos, 2ª edição, 1 vol. enc.....	3#000
Borreau (J. B.) — Como e porque me tornei Espirita, 1 vol. in-8º. enc.....	2#500

CANTOS

DO ERMO E DA CIDADE

A VENDA NA MESMA CASA

Abreu (Casimiro de). — <i>Obras completas</i> , 5ª edição. 1 vol. in-8° enc. 3#000 br.....	2#000
Alvarenga (M. J. da Silva), — <i>Obras poeticas</i> . 2 vol. in-8°.....	6#000
Alvarenga Peixoto. — <i>Obras poeticas</i> . 1 vol. in-8°.....	3#000
Alvares de Azevedo. — <i>Obras</i> (poesia e prosa), 3 vol. in-8°.....	9#000
Bittencourt Sampaio. — <i>Flores Sylvestres</i> , poesias. 1 vol. in-8° enc. 3#000 br.....	2#000
Bruno Seabra. — <i>Flores e fructos</i> , poesias. 1 vol. in-8° enc. 3#000 br.	2#000
Cartas chilenas (treze), poema attribuido a Th. Ant. Gonzaga. 1 vol. in-8° enc. 3#000 br.....	2#000
Castilho (Julio de). — <i>Primeiros versos</i> . 1 vol. in-8° enc. 3#000 br..	2#000
Ferreira (Antonio). — <i>Obras completas</i> . 2 vol. in-8°.....	8#000
Gonçalves Dias. — <i>Poesias</i> , 7ª edição contendo os <i>Tymbiras</i> , 2 vol. in-8° enc. 6#000 br.....	4#000
Gonçalves Dias. — <i>Obras posthumas</i> , 6 vol. in-4° enc. 16#000 br.....	10#000
Gonzaga. — <i>Marília de Dirceu</i> . 2 vol. in-8°.....	6#000
Gonzaga , poema, com uma introdução do Cons ^o J. M. Pereira da Silva. 1 vol. in-8°.....	3#000
Guimarães (Bernardo). <i>Poesias</i> ; Cantos da solidão, etc., 1 vol in-4° — <i>Novas poesias</i> . 1 vol. in-8°.....	6#000 3#000
Guimarães Junior. — <i>Corymbos</i> , poesias. 1 vol. in-4° br.....	3#000
— <i>Nocturnos</i> , poesias. 1 vol. in-8° enc. 3#000 br.....	2#000
Junqueira Freire. — <i>Obras poeticas</i> . 2 vol. in-8°.....	6#000
Lucio de Mendonça. — <i>Alvoradas</i> , poesias. 1 vol in-8° enc. 3#000 br.	2#000
Macedo (J. M. de). — <i>A nebulosa</i> , poema. 1 vol. in-4°.....	3#500
Machado de Assis. — <i>Americanas</i> , poesias. 1 vol. in-8° enc. 3#000 br.	2#000
— <i>Chrysalidas</i> , poesias. 1 vol. in-8° enc. 3#000 br.....	2#000
— <i>Phalenas</i> , poesias. 1 vol. in-8°.....	3#000
Magalhães. — <i>Canticos funebres</i> , 1 vol. in-4°.....	6#000
— <i>A Confederação dos Tamoyos</i> . 1 vol. in-4°.....	6#000
— <i>Poesias avulsas</i> . 1 vol. in-4°.....	6#000
— <i>Suspiros poeticos e saudades</i> . 1 vol. in-4°.....	6#000
— <i>Tragedias</i> . 1 vol. in-4°.....	6#000
— <i>Uraria</i> . Collecção de 100 poesias. 1 vol. in-4°.....	6#000
Norberto de Souza Silva. — <i>Flores entre espinhos</i> , contos poeticos. 1 vol. in-8°.....	2#000
Porto-Alegre. — <i>Colombo</i> , poema. 2 vol. in-8°.....	8#000
São Carlos. — <i>A Assumpção</i> , poema. 1 vol. in 8°.....	3#000
Serra (Joaquim). — <i>Quadros</i> , poesias. 1 vol. in-8° enc. 3#000 br.....	2#000
Zaluar. — <i>Revelações</i> , poesias. 1 vol. in-4°.....	5#000

CANTOS

DO ERMO E DA CIDADE

POR

LUIZ N. FAGUNDES VARELLA

SEGUNDA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

71, *Rua do Ouvidor*, 71

PARIS. — E. BELHATTE e C^{ia}, Livreiros, 14, *rua del'Abbaye*.

PORTO: Ernesto Chardron | BRAGA: Eugenio Chardron

LISBOA: Carvalho & C^{ia}

1880



PRIMEIRA PAGINA

Louras abelhas, leves borboletas,
 Volveis beija-flôres,
Rapidos genios, hospedes dos ares,
 Solitarios cantores,
Amantes uns das pompas das cidades,
 Das galas e das festas,
Outros amigos das planicies vastas
 E das amplas florestas ;

Lado mundo, turbilhão volante,
Bando do sonhos vagos,
Ora adejando em caprichosos gyros,
Ora em doces afagos
Flutuando sobre as frentes scismadoras,
Vede, desponta o dia,
Acudí vossas azas vaporosas,
Exultai de alegria !
de sem medo lucidas chimeras,
São horas de partir !.....
de, correi, voai, que vos desejo
O mais almo porvir !...

VIUVA E MOÇA

Christo, onde estão as doutrinas,
Onde as maximas divinas
De caridade e de fé ?
Cahirão como as sementes
Sobre os rochedos ardentes
De que fallavas ás gentes,
Sonhador de Nazareth !

Desde o romper d'alvorada
Ao lar deserto sentada,
Christo, Christo, choro em vão
Tenho exausta a paciencia,
Mas a santa providencia
É surda á minha indigencia,
Me deixa sem luz, sem pão!

Debalde invoco teu nome!
O negro abutre da fome
Róe-me as entranhas, Senhor!
Estão aridos meus peitos!
Sobre seus humidos leitos
Meus filhos, tristes, defeitos,
Vertem lagrimas de dôr!

A multidão ruge e passa,
Ninguem pensa na desgraça
D'esta pobre habitação!
As privações se accumulão

E os instinctos estimulam
Selvagens corceis que pulam
Quebrando o freio á razão!

Que fazer? De abysmo escuro
Levanta-se um vulto impuro
Sinistra imagem do mal,
Tem a abundancia de um lado,
Nas mãos um cofre dourado,
Canta um canto condemnado,
Um canto de bacchanal!

E mostra-me seu thesouro
Repleto de pilhas de ouro,
De ouro de funesta luz!
Depois com astutas fallas
Me aponta brilhantes salas,
Cheias de pompas e galas,
Cheias de flôres e luz!

E vejo pallidas sombras
Que dansão sobre as alfombras,
Frio o riso, o olhar febril !
Tristes bellezas manchadas !
Tristes mumias coroadas
De grinaldas profanadas
Em noites de orgias mil !

Confusas vozes me chamão !
Os demonios me reclamão,
Que a miseria me vendeu !
Cerro tremendo os ouvidos,
Mas inda escuto os gemidos
De meus filhos repellidos
Pela terra e pelo céo !

Senhor ! Senhor ! este mundo
Avido, sordido, immundo,
Faz-me descrer té de ti !
Minh' alma está branca e pura,

Mas cega-me a desventura,
E entre o crime, entre a loucura
Vacillo!... — Porque nasci!

Entregue aos vaivens da sorte,
Fracá, sózinha, sem norte,
Como poderei lutar?
Se ás vezes entre a caligem,
Meus passos anjos dirigem,
Bem cedo o véo da vertigem
Me impede de caminhar!

A lei do dever é santa;
Mas a desdita a quebranta,
O mundo tem mais poder!
O espirito arqueja e cansa,
O mundo a victoria alcança,
Dos homens sobre a balança
Mais peso sempre ha de ter!

Bati por todas as portas,
As virtudes estão mortas,
As crenças sem mais valor;
Ai ! perdi toda a energia,
Minha mente desvaria,
Não tenho rumo nem guia,
Deverei morrer, Senhor ?

Eu creio em ti, eu te adoro,
Mas as lagrimas que choro
Tu não vês das vastidões !
Deixas que eu soffra e padeça
Que a virtude depereça,
Mas que altivo se engrandeça
O vicio com seus brazões !

Christo, em vão te cruciaste !
Em vão aos homens deixaste
Preceitos de amor e fé !

Cahirão como as sementes
Sobre os rochedos ardentes
De que fallavas ás gentes,
Sonhador de Nazareth!

.



EU AMO A NOITE

Eu amo a noite quando deixa os montes,
Bella, mas bella de um horror 'sublime,
E sobre a face dos desertos quedos
Seu regio sello de mysterio imprime.

Amo o sinistro ramalhar dos cedros
Ao rijo sopro da tormenta infrene,
Quando antevendo a inevitavel quéda
Mandão aos ermos um adeos solemne.

Amo os penedos escarpados onde
Desprende o abutre o prolongado pio,
E a voz medonha do caíman disforme
Por entre os juncos de lodoso rio.

Amo os lampejos verde-azul, funereos,
Que as horas mortas erguem-se da terra,
E enchem de susto o viajante incauto
No cemiterio de sombria serra.

Amo o silencio, os areaes extensos,
Os vastos brejos e os sertões sem dia,
Porque meu seio como a sombra é triste,
Porque minh'alma é de illusões vasia.

Amo o furor do vendaval que rugue
Das azas densas sacudindo o estrago,
Silvos de balas, turbilhões de fumo,
Tribus de corvos em sangrento lago.

Amo as torrentes que da chuva tumidas
Lanção aos ares um rumor profundo,
Depois raivosas carcomendo as margens
Vão dos abysmos pernoitar no fundo.

Amo o pavor das soledades, quando
Rolão as rochas da montanha erguida,
E o fulvo raio que flammeja e tomba
Lascando a cruz da solitaria ermida.

Amo as perpetuas que os sepulcros ornão,
As rosas brancas desbrochando á lua,
Porque na vida não terei mais sonhos,
Porque minh'alma é de esperanças nua.

Tenho um desejo de descanso, infindo,
Negão-me os homens; onde irei achal-o?
A unica fibra que ao prazer ligava-me
Senti partir-se ao derradeiro abalo !.....

Como a criança, do viver nas veigas,
Gastei meus dias namorando as flôres,
Finos espinhos os meus pés rasgárão,
Pisei-os ebrio de illusões e amores.

Sendal espesso me vendava os olhos,
Doce veneno lhe molhava o nó.....
Ai ! minha estrella de passadas éras,
Porque tão cedo me deixaste só ?

Sem ti procuro a solidão e as sombras
De um céo toldado de feral caligem,
E gasto as horas traduzindo as queixas
Que á noite partem da floresta virgem.

Amo a tristeza dos profundos mares,
As aguas torvas de ignotos rios,
E as negras rochas que nos plainos zombão
Da insana furia dos tufões bravios.

Tenho um deserto de amarguras n'alma,
Mas nunca a fronte curvarei por terra !...
Ah ! tremo ás vezes ao tocar nas chagas,
Nas vivas chagas que meu peito encerra !

A VOLTA

A casa era pequenina,
Não era? — Mas tão bonita
Que teu seio inda palpita
Lembrando d'ella, não é?

Queres voltar? eu te sigo,
Eu amo o ermo profundo;

A paz que foge do mundo
Preza os tectos de sapê.

Bem vejo que tens saudades,
Não tens? pobre passarinho !
De teu venturoso ninho
Passaste a dura prisão !

Vamos, as mattas e os campos
Estão cobertos de flôres,
Tecem mimosos cantores
Hymnos á bella estação.

E tu mais bella que as flôres.....
Não córes..... aos almos cantos
Ajuntarás os encantos
De teu gorgeio infantil.

Escuta filha, a estas horas
Que a sombra deixa as alturas,
Lá cantão as saracuras
Junto aos lagos .côr de anil.

Os vagalumes em bando
Correm sobre a relva fria,
Emquanto o vento cicia
Na sombra dos taquaraes ;

E os genios que alli vagueião,
Mirando a casa deserta,
Repetem de boca aberta :
Acaso não virão mais ?

Mas nós iremos, tu queres,
Não é assim ? nós iremos ;

Mais bellos reviveremos
Os bellos sonhos de então.

E á noite, fechada a porta,
Tecendo planos de glorias,
Contaremos mil historias,
Sentados junto ao fogão.

A DESPEDIDA

I.

Filha dos serros onde o sol se esconde,
Onde brame o jaguar e a pomba chora,
São horas de partir, desponta a aurora,
Deixa-me que te abrace e que te beije.

Deixa-me que te abrace e que te beije,
Que sobre o teu meu coração palpite,

E dentro d'alma sinta que se agite
Quanto tenho de teu impresso n'ella.

Quanto tenho de teu impresso n'ella,
Risos ingenuos, prantos de criança,
E esses tão lindos planos de esperança
Que a sós na solidão traçamos juntos.

Que a sós na solidão traçamos juntos,
Sedentos de emoções, ebrios de amores,
Idolstras da luz e dos fulgores
De nossa mãe sublime, a natureza !

De nossa mãe sublime, a natureza,
Que nossas almas n'uma só fundíra,
E a inspiração soprára-me na lyra
Muda, arruinada nos mundanos cantos.

Muda, arruinada nos mundanos cantos,
Mas hoje bella e rica de harmonias,

Banhada ao sol de teus formosos dias,
Sanctificada á luz de teus encantos !

II.

Adeos ! Adeos ! A estrella matutina
Pelos clarões d'aurora deslumbrada
 Apaga-se no espaço,
A nevoa desce sobre os campos humidos,
Erguem-se as flôres tremulas de orvalho
 Dos valles no regaço.

Adeos ! Adeos ! Servendo a aragem fresca
Meu ginete relincha impaciente
 E parece chamar-me...
Transpondo em breve o cimo d'este monte
Um gesto ainda, e tudo é findo ! O mundo
 Depois póde esmagar-me.

Não te queixes de mim, não me crimines,

Eu depuz a teus pés meus sonhos todos,

Tudo o que era sentir !

Os algozes da crença e dos affectos

Em torno de um cadaver de ora em diante

Hão de embalde rugir.

Tu não mais ouvirás os doces versos

Que nas varzeas viçosas eu compunha,

Ou junto das torrentes ;

Nem teus cabellos mais verás ornados,

Como a pagã formosa, de grinaldas

De flôres rescendentes.

Verás tão cedo ainda esvaecida

A mais linda visão de teus desejos,

Aos lategos da sorte !

Mas eu terei de Tantaló o supplicio !

Eu pedirei repouso de mãos postas

E será surda a morte !

Adeos ! Adeos ! Não chores, que essas lagrima
Coão-me ao coração incandescentes
Qual fundido metal !
Duas vezes na vida não se as vertem !
Enxuga-as pois, se a dôr é necessaria,
Cumpra-se a lei fatal !

O VAGALUME

Quem és tu, pobre vivente
Que passas triste sózinho,
Trazendo os raios da estrella
E as azas do passarinho?

A noite é negra, raivosos
Os ventos soprão do sul,
Não temes, doudo, que apaguem
A tua lanterna azul?

Quando appareces, o lago
De estranhas luzes fulgura,
Os mochos voão medrosos
Buscando a floresta escura.

As folhas brilhão, refletem,
Como espelhos de esmeralda,
Fulge o irís nas torrentes
Da serrania na fralda.

O grilo salta das sarças,
Pulão genios nos palmares,
Começa o baile dos sylphos
No seio dos nenuphares.

A tribu das borboletas,
Das borboletas azues,
Segue teus gyros no espaço,
Mimosa gotta de luz.

São ellas flôres sem hastea,
Tu és estrella sem céo,
Procurão ellas as chammas,
Tu amas da noite o véo!...

Onde vais, pobre vivente,
Onde vais, triste, mesquinho,
Levando os raios da estrella
Nas azas do passarinho ?

CONFORTO ~

Deixo aos mais homens a tarefa ingrata
De maldizer teu nome desditoso,

Por mim nunca o farei.

Como a estrella no céu vejo tu'alma,
E como a estrella que o volcão não tolda,

Pura sempre a encontrei.

Dos juizos mortaes toda a miseria
Nos curtos passos de uma curta vida

Tambem, tambem soffri,

Mas contente no mundo de mim mesmo,
Menos grande que tu, porém mais forte,
Das calumnias me ri.

A turba vil de escandalos faminta,
Que das dôres alheias se alimenta
E folga sobre o pó,
Ha de soltar um grito de triumpho
Se vir de leve te brilhar nos olhos
Uma lagrima só.

Oh! não chores jámais! Á sêde immunda,
Prantos divinos, prantos de martyrio,
Não devem saciar.....

O orgulho é nobre quando a dôr o ampara,
E se lagrima verte é funda e vasta,
Tão vasta como o mar.

É duro de soffrer, eu sei, o escarneo
Dos seres mais nojentos que se arrastão

Ganindo sobre o chão,
Mas a dôr magestosa que incendia
Dos eleitos a fronte, os vis deslumbra
Com seu vivo clarão.

Curve-se o ente imbelle que despido
De crenças e firmeza, implora humilde
O arrimo de um senhor,
O espirito que ha visto a claridade
Rejeita todo auxilio, rasga as sombras,
Sublime em seu valor.

Deixa passar a douda caravana,
Fica no teu retiro, dorme sem medo,
Da consciencia á luz;
Livres do mundo um dia nos veremos,
Tem confiança em mim, conheço a senda
Que ao repouso conduz.

VISÕES DA NOITE

Passai, tristes phantasmas! O que é feito
Das mulheres que amei, gentis e puras,
Umás devorão negras amarguras,
Repousão outras em marmoreo leito!

Outras no encalço de fatal proveito
Buscão á noite as saturnaes escuras,
Onde empenhando as murchas formosuras
Ao demonio do ouro rendem preto!

Todas sem mais amor! sem mais paixões!
Mais uma fibra tremula e sentida!
Mais um leve calor nos corações!

Pallidas sombras de illusão perdida,
Minh' alma está deserta de emoções,
Passai, passai, não me poupeis a vida!

O CANTO DOS SABIÁS



Serão de mortos anjinhos
O cantar de errantes almas,
Dos coqueirões florescentes
A brincar nas verdes palmas,
Estas notas maviosas
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantão
Nas manguieiras do pomar.

Sêrão os genios da tarde
Que paixão sobre as campinas,
Cingido o collo de opalas
E a cabeça de neblinas,
E fogem, nas harpas de ouro
Mansamente a dedilhar?

São os sabiás que cantão.
Não vês o sol declinar ?

Ou serão talvez as preces
De algum sonhador proscripto,
Que vagueia nos desertos,
Alma cheia do infinito,
Pedindo a Deos um consolo
Que o mundo não póde dar?

São os sabiás que cantão.
Como está sereno o mar!

Ou quem sabe as tristes sombras
De quanto amei n'este mundo,
Que se elevão lacrimosas
De seu tumulto profundo,
E vêm os psalmos da morte
No meu desterro entoar?

São os sabiás que cantão.
Não gostas de os escutar?

Serás tu minha saudade?
Tu meu thesouro de amor?
Tu que ás tormentas murchaste
Da mocidade na flôr?
Serás tu? Vem, sê benvinda,
Quero te ainda escutar!

São os sabiás que cantão
Antes da noite baixar.

Mas ah! deliro insensato!
Não és tu sombra adorada!
Não ha canticos de anjinhos,
Nem de phalange encantada
Passando sobre as campinas
Nas harpas a dedilhar !

São os sabiás que cantão
Nas mangueiras do pomar !

O RESPLENDOR DO THRONO

Que vale a pompa e o resplendor do throno !
Triste vaidade ! O alvergue de um colono
Mais encantos encerra e mais doçuras !
De calma consciencia á sombra amiga
Floresce o riso e o jubilo se abriga,
Livre de enganos e visões escuras.

Quem não aspira da grandeza aos combros
Tem segura a cabeça sobre os hombros,
E a vereda conhece onde caminha ;

Dorme sem medo, acorda sem pezares,
E vê, feliz, a prole junto aos lares
Vigorosa estender-se como a vinha.

Sob os doces dos solios a mentira
Boceja e o corpo sensual estira
No tapete macio dos degráos.....
São sempre incertos do reinante os passos !
Ame embora a verdade, occultos laços
Prendem o cego aos calculos dos máos !

Oh! ditoso mil vezes o operario !
Ama o trabalho, e o medico salario
De prantos nem de sangue está manchado !
Combates não planeja em vasta liça !
Nem das victimas ouve da injustiça
A queixa amarga e o clamoroso brado !

Não desperta alta noite em sobresalto !
Nem dos cuidados ao cruento assalto

Sobre o ouro e o setim geme e delira !
Qual manso arroio sobre a terra corre,
E no meio dos seus tranquillo morre
Como a nota de um canto em branda lyra !

Não invejeis as pompas das alturas !
O raio deixa os valles e as planuras,
A tempestade preza as serranias !....
Quereis saber da magestade a gloria?
Lede nos regios tumulos a historia
Dos soberanos de passados dias !

EM VIAGEM

A vida nas cidades me enfastia,
Enoja-me o tropel das multidões,
O sopro do egoismo e do interesse
Mata-me n'alma a flôr das illusões.

Mata-me n'alma a flôr das illusões
Tanta mentira, tão fingido rir,
E cheio e farto de tristeza e tédio
Rejeito as glorias de fallaz porvir !

Rejeito as glorias de fallaz porvir,
Galas e festas, o prazer talvez,
E busco altivo as solidões profundas
Que dormem quedas do Senhor aos pés.

Que dormem quedas do Senhor aos pés,
Ao doce brilho dos clarões astraes,
Ricas de gozos que não tem o mundo,
Prodigas sempre de belleza e paz !

SERENATA

Em teus travessos olhos,
Mais lindos que as estrellas,
Do espaço, ás furtadelas,
Mirando o escuro mar,

Em teu olhar tyrannico,
Cheio de vivo fogo,
Meu ser, minh'alma afogo
De amor a suspirar.

Se teus encantos todos
Eu fosse a enumerar!...

D'esses mimosos labios
Que ao beija-flôr enganão,
D'onde perpetuos manão
Perfumes de enleiar,

D'esses lascivos labios,
Macios, purpurinos,
Ouvindo os sons divinos
Me sinto desmaiar.

Se teus encantos todos ...
Eu fosse a enumerar !....

Tuas madeixas virgens,
Cheirosas, fluctuantes,
Teus seios palpitantes
Da sêde do gozar,

Tua cintura estreita,
Teu pé subtil conciso,
Obumbrão-me o juizo,
Apagão-me o pensar.

Se teus encantos todos
Eu fosse a enumerar!...

Ai ! quebra-me estes ferros
Fataes que nos separão,
Os doudos que os forjãrão
Não sabem, não, amar.

Dá-me teu corpo e alma,
E á luz da liberdade,
Oh ! minha divindade,
Corramos a folgar.

Se teus encantos todos
Eu fosse a enumerar!...

A SOMBRA

Longe, longe das aguas marinhas,
Sobre vastas campinas pousada,
Sempre aos raios de um sol resplandente
Se ostentava risonha morada.

Nas planicies que a vista não vence
Espalhadas pastavão cem rezes,

Ora junto das fontes tranquillias,
Escondidas no matto outras vezes.



Ao portão, de manhã, reunidas,
Meio occultas no véo da neblina,
O senhor esperar parecião
Sempre amigo da luz matutina.

E depois que seu vulto bondoso
Da janella sorrindo as olhava ,
Se afastavão contentes, pulando
Sobre a grama que o orvalho banhava.

Quando além das montanhas o dia
Apagava seu raio final,
Acudindo do amo aos clamores
Todo o gado se achava no val.

E em torno d'elle um circulo formando,
Humildes e silentes,

Cada qual por sua vez se adiantando,
Vinhão lamber o sal que apresentavão

As mãos benevolentes,*

As mãos benevolentes que adoravão.

E o manso gado as fallas lhe entendia,

E os tenros bezerrinhos

Saltitavão trementes de alegria

A seus meigos carinhos.....

Talvez sondasse n'esses pobres brutos,

Sob esses pellos rípidos hirsutos,

Um occulto clarão,

Raio de encarcerada intelligencia,

Que a douda, pobre e misera sciencia,

Trucidando sem pena a criação,

Procura sempre, mas procuro em vão.

Passarão tempos e o vaqueiro é morto.

Da velha habitação só muros restão,

E ás já despidas, murchas laranjeiras,

Espinheiros entestão.

Sobre montões de pedra as lagartixas
Leves se arrastão sobre o musgo vil,
Trahidoras vespas nos esteios podres
Formárão seu covil.

O sol que outr'ora derramava em torno
Raios de luz, torrentes de alegria,
Hoje atira do espaço ao lar deserto
Um riso de ironia.

Não mais perfumes pelos ares gyrão,
Não mais os ventos suspirando paixão,
Sómente impuro odor, silvo de serpes
No ambiente perpassão.

Parece que ao pairar n'esses lugares
Todo o seu odio o estrago sacudíra,
E o espirito do mal no chão gretado
A saliva cuspíra.

Viajor, viajor, não te aproximes
Do ermo sitio que o terror marcou,
A mão de Deos talvez ardendo em iras
Pesada alli tocou.

Porém quando no occidente
Vai baixando o orbe immortal,
As rezes sempre constantes
Se ajuntão todas no val.

E n'essa mesma paragem
Onde as chamava o senhor,
Talvez do defunto á sombra
Reunem-se ao derredor.

E magem, magem debalde,
'Tristonhas cavando o chão,
Fitando doridos olhos
No astro rei da amplidão.

Mas o sol não as escuta,
Mas o sol cahindo vai,
Imagem de um deos cruento,
Cruenta imagem de pai.

E o caminheiro que ao longe
Das serras descendo vem,
Não passa perto das ruinas,
Procura outra senda além.

A DIVERSÃO

Escravo enche essa taça,
Enche-a depressa, e canta !
Quero espancar a nuvem da desgraça
Que além nos ares lutulenta passa,
E meu genio quebranta.

Tenho n'alma a tormenta,
Tormenta horrenda e fria!
Debalde a douda conjural-a tenta,

Luta, vacilla e tomba macillenta
Nas vascas da agonia !

Pois bem, seja de vinho
No delirar insano
Que afogue minhas lagrimas mesquinho!...
Então envolto em purpura e arminho
Serei um soberano !

Cresce, transpõe as bordas
De brilhante crystal,
Torrente amada que o prazer acordas....
Toma a guitarra, escravo, afina as cordas,
E viva a saturnal !

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz....
Anjos... inspirações... mundos de idéas
Sacudí-me da frente as sombras feias
D'este scismar atroz !

Que celestes bafagens!
Que languidos perfumes!
Que vaporosas, lucidas imagens
Dansão vestidas de subtis roupagens
Entre esplendidos lumes !

Tange mais brando ainda
Esse mago instrumento!...
Mais!... inda mais! Que maravilha infinda!
Que plaga immensa, luminosa e linda!
Que de vozes no vento!

São as houris divinas
Que junto a mim perpassão,
Ou de Schiraz as virgens peregrinas,
Que cingidas de rosas purpurinas
Chorão Bulbul e paixão?

Oh! não, que não são ellas,
Mas ai ! meus sonhos são !

São do passado as vividas estrellas
Que a flux rebentão cada vez mais bellas,
De mais puro clarão!

São meus prazeres idos!
Minha extincta esperança!
São... Mas que nota fere-me os ouvidos?
Escravo estulto, abafa esses gemidos!
Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura,
O mar e o céu azul,
Quero olvidar minha comedia escura,
E a ledos sons as larvas da loucura
Bater como Saul!

Leva-me ás densas mattas
Onde viveu Celuta ;
Faze-me um leito á margem das cascatas,

Ou nas alfombras húmidas e gratas
De recondita gruta.

Assim... assim! Fagueiras,
Escuto já nos ares
As vozes das donzellas prazenteiras,
Que dansão rindo ao lume das fogueiras
No centro dos palmares.

Mais vinho! Oh! philtro mago!
Só tu pódes no mundo
Mudar os gyros do destino vago,
E fazer do martyrio um doce afago,
De uma taça no fundo!

Oh! patriarcha antigo!
Oh! bebedor feliz,
Do rôxo sumo da parreira amigo!
Teu nome invoco, abraço-me contigo,
Vem, vem ser meu juiz!

Basta, servo, de cantos;
Quero dormir, sonhar,
Sinto do vinho os ultimos encantos....
Molhão-me as faces amorosos prantos,
Vou reviver e amar!

A LENDA DO AMAZONAS

Quando vestido de brilhante purpura
Surgia o sol no céo,
Deixei a medo os magestosos pinaros
Onde habita o condor,
E guardando do frio os seios tremulos
Nas dobras do brial,
Como errante cegonha, ou pomba timida,
A's planicies voei.

Em meus cabellos ciciavão, languidos,
Os sopros da manhã,
Clarões e nevoaes, iriantes circulos,
Gyravão-me ao redor,
Mas sobre um leito de tecidos flacidos,
Inclinada a sorrir,
Deixava-me rolar aos doces canticos
Dos genios do arrebol.
Já perdendo de vista os Andes turbidos
Sobre rochas pousei.....
Sobre rochas pousei, — as virgens candidas,
Louras filhas do ar,
Trocárão-me do corpo a etherea tunica
Por manto de crystal,
Cantárão-me ao ouvido um hymno magico
Que fallava de amor,
Tão meigo e triste como a voz da America
Em seu berço de luz.
Cingirão-me a cabeça dos mais limpidos
Diamantes e rubins ;

Das borboletas leves e translucidas

Do verde Panamá

Formarão-me subtil, brilhante sequito;

Aspergêrão-me os pés

Do perfume das flôres mais balsamicas

Das savanas sem fim,

E me apontando da floresta os dedalos

Pejados de frescor,

Derão-me abraços mil, ardentes osculos,

E deixárão-me só.....

E deixárão-me só; — nos vastos ambitos

Sem rumo, me perdi,

Meus olhos inundárão-se de lagrimas,

Quiz aos montes voltar,

Mas o threno saudoso dos espiritos

Á minh'alma fallou,

E ao grato accento d'essas queixas mysticas

De novo me alentei.

Desci das brenhas pensativa, attonita,

Olhos fitos além;

Meu manto sobre a rocha um surdo estrepito

Desprendia ao roçar,

E meus cabellos borrifados, humidos

De sereno estival,

Salpicavão, ao sol, de infindas perolas

O desnudado chão.

Os velhos cedros com seus ramos asperos

Saudarão-me ao passar,

Os cantores das mattas, em myriades,

Os coqueiraes senis

Bradarão n'uma voz: oh! filha esplendida

Da eterna criação,

Corre, que ao lado do soberbo thalamo

Por ti suspira o mar!.....

Ao meio dia extenuada, morbida

Pelo intenso calor,

De um mundo ignoto sob a immensa cupula

Solitaria me achei.

Argenteas fontes, sonorosos zephyros,

Rumores divinaes,

Grutas de sombra e de frescura providas,

Multicôres doces

A cujo abrigo um turbilhão de passaros

Cruzava-se a trinar,

Um não sei que de vago e melancolico

De infinito talvez,

Acendêrão-me ao seio a chamma insolita

De estranha sensação!

Sentei-me ao lado de um rochedo concavo

E procurei dormir.....

E procurei dormir, — as plagas tumidas,

O indizível amor

Que transudava dos sussurros epicos

Dos sombrios pinhaes,

Em cujas grimpas ramalhavão seculos.

Dormia a tradição;

Da rola do deserto as flebeis supplicas,

A tenue frouxa luz

Coando entre os rasgados espiraculos

D'esse zimborio audaz

Por mil columnas desmarcadas, rispidas,
Sustentado ante o céo,
Vedárão-me o repouso, e a mente extatica.
Em santa reflexão
Senti volver-se as scenas de outras épocas.
Ah! que tudo passou!
Como o sol era bello e a terra lucida!
Como era doce a paz
Da familia indiana em noite placida
Junto ao fogo a dansar!
Como era calmo e bello e vivo o jubilo
Das filhas de Tupan
Depondo junto ao fogo os anchos cantaros,
E atrás dos colibris
Correndo alegres nos relvosos paramos!
E a voz do pescador
Sobre as aguas plangentes e diaphanas
De ameno ribeirão!
E o rapido silvar das settas rapidas,
Os urros do jaguar,

A volta da caçada, os hymnos fervidos

Nos festins annuaes!

Tudo findou-se! A mão cruel, mortifera,

De uma idade feroz

Tantas glorias varreu, e nem um distico

Deixou no chão sequer!

Apenas no deserto ermos sarcophagos

Sem mais cinzas nem pó,

Negras imagens de figuras hybridas

Soltas aqui e alli,

Resistem do destino ao rijo latego,

Mas das éras de então

Nada revelão no silencio gelido!.....

Meu Deos e meu Senhor!

Eu que vi construir-se o immenso portico

Do edificio immortal

D'onde ao vivo luzir dos astros fulgidos

Todo o ser rebentou,

Eu que pelas planicies inda calidas

De vosso bafejar ,

Vi deslizar o Tigre, o Euphrates celebre,
O sagrado Jordão;
Eu sem nome, sem glorias e sem patria,
Entre os densos cocaes,
Ia bem como as gerações sem numero
Absorta escutar
Dos santos cherubins a voz melodica ;
Eu que pobre e sem guia
Pobre e sem guia nos desertos aridos,
Teu poder, grande Deos,
Presentia no ar, no céo, nos átomos,
Vi tambem sob o sol
Afogarem-se os orbes no crepusculo
De uma noite fatal,
E á lareira da vida erguer-se impavido
Onada aterrador !
Vi n'um combate pavoroso e tetrico,
Torva, escura epopéa,
O phantasma do estrago, a morte esqualida
Vencer a criação,

Devorar-lhe sem pena as quentes visceras,
Dilacerar sem dó
Da madre natureza as fibras intimas !
Vi á luz dos fuisis,
Do abutre da tormenta á insana colera,
A floresta cahir ;
Vi negras feras e serpentes perfidas,
Demonios de furor,
Alastrarem a terra de cadaveres
De pobres animaes ;
E d'este solo de immundicias lubrico,
Tambem vi se elevar
A propria vida de destroços putridos !
Meu Deos e meu Senhor,
O que diz esta lei crua e fatidica ?...
Sobre o valle da dôr,
Sobre o valle da dôr mirando as nuvens,
Scismando no porvir,
Eu tambem moça sinto-me decrepita !
Vê-me a aurora nascer,

Mas ouve a noite meus cantares funebres!

A alvorada outra vez

Das cinzas de meus restos inda tepidas

Rediviva me vê!...

Eu murmurava assim triste e perplexa

Cortando a solidão.

As estrellas surgirão bellas, nitidas

No ceo de puro anil,

O bando vagabundo das luciolas

Rastejando os paues

Derramavão clarões debeis e fatuos

Nas plantas ao redor,

Linguas de fogo verde-azul phosphorico

Cruzavão-se no ar.

A terra e os astros n'um sorrir reciproco

Parecião se unir,

Uma para beijar o azul sidereo,

Outro para verter

No seio que soffre um doce balsamo.

A branca lua

Pura se erguia na celeste abobada,
Tudo era paz e amor,
Vozes e saudações, hymnos angelicos !
Um tenue, langue véo,
Senti passar-me pelos olhos avidos ;
Um perfume feliz
Ungio-me a fronte de venturas ebria,
Pensei adormecer !
Mas ah ! quando de novo abri as palpebras,
Reclinado a meus pés,
Coroadado de espuma e chammas vividas,
Prostrado estava o Mar,
Como a noite era bella e a terra lucida !

ESTANCIAS

O que eu adoro em ti não são teus olhos,
Teus lindos olhos cheios de mysterio,
Por cujo brilho os homens deixariam
Da terra inteira o mais soberbo imperio.

O que eu adoro em ti não são teus labios
Onde perpetua juventude mora,

E encerrão mais perfumes do que os valles
Por entre as pompas festivaes d'aurora.

O que eu adoro em ti não é teu rosto
Perante o qual o marmor descorára,
E ao contemplar a esplendida harmonia
Phidias o mestre seu cinzel quebrára.

O que eu adoro em ti não é teu collo
Mais bello que o da esposa israelita,
Torre de graças, encantado asylo
Aonde o genio das paixões habita.

O que eu adoro em ti não são teus seios,
Alvas pombinhas que dormindo gemem,
E do indiscreto vôo d'uma abelha
Cheias de medo em seu abrigo tremem.

O que eu adoro em ti, ouve, é tu' alma
Pura como o sorrir de uma criança,

Alheia ao mundo, alheia aos preconceitos,
Rica de crenças, rica de esperança.

São as palavras de bondade infinda
Que sabes murmurar aos que padecem,
Os carinhos ingenuos de teus olhos
Onde celestes gozos transparecem!...

Um não sei que de grande, immaculado
Que faz-me estremecer quando tu fallas,
E eleva-me o pensar além dos mundos
Quando abaixando as palpebras te calas.

E por isso em meus sonhos sempre vi-te
Entre nuvens de incenso em aras santas,
E das turbas sollicitas no meio
Tambem constricto hei te beijado as plantas.

E como és linda assim! Chammas divinas
Cercão-te as faces placidas e bellas,

Um longo manto pende-te dos hombros
Salpicado de nitidas estrellas!

Na douda pyra de um amor terrestre
Pensei sacrar-te o coração demente...
Mas ao mirar-te deslumbrou-me o raio...
Tinhas nos olhos o perdão sómente!

QUADRINHAS

Quando a fronte descorada
Pende o poeta a scismar
Murmura o vulgo insensato ;
Eil-o mundos a forjar.

Eil-o errando entre as estrellas,
Roubando os raios ao sol,
Beijando as fadas que dansão
Sobre magico arrebol.

Pobre vulgo ! Que destino
Dois dous é mais bello e puro,
Sonhar á luz das espheras
Ou dormir no vicio escuro ?

Adorar o ser dos seres
Sobre as aras do ideal,
Ou beijar as frias plantas
De uma estatua de metal ?

Dizer : — é curta esta vida,
Floco de espuma fallaz,
Quero erguer minha alma aos astros,
Deixarei a terra aos mais ;

Ou murmurar aterrado
Perante a suprema lei :
Porque tenho de apartar-me
Da lama que tanto amei ?...

Por mim, oh ! deixa me sempre
Nos meus sonhos adorados,
Mais brilhantes que o prestigio
Dos crimes condecorados.

Embora a prole de Midas
E os levitas da mentira
Desprezem-me, — vis, — que importa
Não tenho acaso uma lyra ?...

Errarei entre as estrellas,
Por Deos, que mais dellas são
Do que os silvos da calumnia,
Do que a voz da adulação ;

Do que as alcovas do vicio,
Sinistro, infernal painel,
De infelizes que solução
Vertando prantos de fel !.

Oh ! selvas de minha terra !
Oh ! meu céu de azul setim !
Regatos de argenteas ondas !
Verdes campinas sem fim !

Morenas virgens dos montes,
Anjos de graças e amor,
Que rejeitais mil diamantes
Por uma cheirosa flôr !

Que entre risos feiticeiros
Contemplais vossa belleza,
À sombra dos ingáseiros,
No espelho da correnteza !

Não vos tenho ? que me importão
Glorias de cinza e de pó,
E entre as turbas que vozeião
Viver desprezado e só ?

Quero correr os desertos,
Devassar as cordilheiras,
Matar a sêde e o cansaço
Nas aguas da cachoeira.

Quero ao descer as montanhas,
A' luz que o luar espalha,
Ouvir no valle a viola
Soar na choça de palha.

Ver descer os lavradores
Pelas encostas dos montes,
Emquanto lindas, faceiras,
Voltão as filhas das fontes ;

E contão trovas alegres,
E folgão pelo caminho,
No ar bebendo offegantes
O aroma do rosmaninho.

Quero nos ranchos á noite,
Á claridão das fogueiras,
Ouvir contar os tropeiros
Historias aventureiras.

Quero paz, quero harmonias,
Liberdade, inspiração,
Que a poeira das cidades
Me atrophia o coração.

E quando o gelo da morte
Sobre meus olhos baixar,
Deixem-me á sombra d'um cedro
Junto ás selvas repousar.

O GENERAL JUAREZ

Triste o dom da linguagem !... Que eu não possa
Fundir meu pensamento
Em duro bronze ou marmore alvejante !
Vasar uma por uma
As sensações que fervem-me no peito
Aos olhares do mundo !
Arrebatat ás lucidas espheras
A celeste harmonia !
Roubar á madrugada as aureas pompas !

Junto dos céos nas vastas assomadas
Cingidas de neblinas,
Ouvindo o eterno estrepito dos mares
Conheceste a ti mesmo.
Alto, mais alto que esses altos pincaros,
Solettraste teu fado
No pavilhão sem fim que abriga os orbes,
E na luz te sagraste !
Pediste a exigua estancia da existencia,
Viste que teu destino
Não era semelhante aos dos mais homens
Que nascem na mentira,
Crescem á sombra de interesses torpes,
Cevão-se de vaidades,
Furtão-se ao pharo augusto do futuro,
E após ligeiro prazo
De loucas ambições, de vicios negros,
Legão á mãe commum
Um punhado de cinza e de miserias,
Inuteis té na tumba !

Ah ! se entre os filhos d'este ingrato tempo
Póde algum reclamar
De heróe o nome, o nome de escolhido,
Não, não será de certo
O cruento levita do exterminio
Que as planicies ensopa
No sangue negro de milhões de victimas !
Nem o torvo embusteiro
Que sentindo a corôa mal segura
Abalar-se na frente,
O tino perde, e corre devastando
Tudo quanto o circumda.

E nem tão pouco o estolido occupante
De um apparente solio,
Onde reluz a mica em vez do ouro,
E ganem os mastins
Sobre os degráos molhados de saliva.
Porém tu, Juarez,
Tu e a sublime pleiade de eleitos

Que na historia dos povos
Sobre montões de algema, triumphantes,
Abrem aos seus os braços,
E em vez de diadema e fronte cingem
De ramos de oliveira.

Quão enganada marcha a tyrannia !
Quão cego o despotismo
Paira e volteia n'estas virgens plagas !
Ha no seio da America
Um mundo novo a descobrir-se ainda :
Senhores de além-mar,
Quereis saber onde esse mundo existe ?
Quereis saber seu nome ?
Sondai o peito á raça americana,
E n'esse mar sem fundo,
Inda aquecido pelo sol primeiro,
Vereis a liberdade !

Tu a encaraste, Juarez, de perto !
No mais fundo das mattas

•

Onde a mãe natureza te mostrava
Um código mais puro
Do que os preceitos da infernal sciencia
Cujas letras malditas
Queimão do pergaminho a lisa face,
Aprendeste o segredo
Que desde a hora prima do universo
As torrentes murmurão !
E contemplando o ermo, o céu, as aguas,
Choraste por ser homem !

Mas dos volcões sorvendo o fumo espesso,
Transpondo os areaes,
Buscando asylo nas florestas amplas,
Arrostando as tormentas
Entre um pugilo de guerreiros bravos,
Pejaste de legendas
Todo o deserto que teus pés tocárão !
E as solidões sorrião,
Os abutres sahião de seus antros,

As turbas dos selvagens
Vinhão sorpresas se postar nos montes
Para ver-te passar !

O espirito de um povo nunca morre.

Não, não forão os homens
Que sobre o globo prolongando a vista,
Regiões escolhêrão,
E formárão nações, usos e crenças ;

Não, uma occulta lei
Disse : — ao Arabe as terras arenosas,
Aos Germanos a neve ;
Aqui o fogo, a luz, alli neblinas ;
N'esta calmos pastores,
Ali fortes guerreiros ; sonhos, crenças ;
Lhe servem de defesa.

A idéa cresce, avulta ou se concentra ;

A indole se expande,
Ou no amago d'alma ruge oppressa.

Prometheo sobre o Caucaso
Tem por medida de seu nobre orgulho
O figado sangrento
Que o passaro roaz lacera embalde.
Encelado dormita,
Mas ao mover-se no abrasado leito
Derrama sobre a terra
Uma golphada de betume escuro
E chammas devorantes.

De teu povo adorado a occulta chaga
Tu a tocaste heróe!.....
Quando ao ninho do passaro soberbo
Que as alturas devassa
Baixa e repousa o corvo deslavado,
E os condores implumes
Pião de medo á sombra do inimigo,
Tambem no azul dos céos
Solta um grito de raiva, as azas bate

E veloz como o raio
Hirto se arroja o príncipe das aves
Ao abrigo invadido.

Como imperfeito esboço em tela impropria,
Como pallida rima
Sobre confuso, insípido poema,
A gloria de uma raça
Ninguém póde apagar no vasto livro
Que pertence ao porvir.
Embora a escravidão, guerras, flagícios
O brilho lhe escureção,
- Não morre uma nação, nem se aliena !
Antes no espaço
Mais facilmente um mundo se dissolve,
E torna-se em poeira !

Sombras illustres dos guerreiros mortos
Na quadra lutulenta
Em que a patria limava os duros ferros

Da hispanas cadeias,
Erguei-vos n'esses campos celebrados
Onde os tenues arbustos
Nas noites calmas relatar parecem
Vossos feitos sublimes ;
Vinde, a patria vos chama, a patria chora,
A patria vos invoca,
A patria mira Juarez, afflicta,
Soluça e pensa em vós !

Bravos da liberdade mexicana !
Invicto general !
Olhai, olhai, não vedes a victoria ?.....?
Não, ao tronco gigante,
Gloria das selvas, marco das idades,
Não deixeis que se enlace
A parasita vil, e a seiva beba,
E sobre seu cadaver
Cheia de vida eleve-se nos ares !
Não deixeis que a serpente

Sobre o jaguar enrole-se esfaimada !

E espadece-lhe os ossos !

Mortal mais do que um genio ! se entre os brados

De teus fortes guerreiros,

Se entre os applausos de teu povo grato,

Escutares de longe

Os pobres cantos d'um poeta obscuro,

Ah ! perdôa-lhe o arrojo !

Cegou-lhe o resplendor da liberdade,

Sonhou irmãs e unidas

Todas as raças das columbias terras !

Cantou, aceita o canto,

Aceita-o, no alcaçar dos potentados

Jamais alguém o ouviu !

A FILHA DAS MONTANHAS

(ELEGIA)

Esta viveu no meio das montanhas.
Foi seu passar um vôo de andorinha
A' flôr de lago azul, — seus verdes annos
 Contárão-se por flôres.
Desconheceu as sedas e os velludos,
Finas alfaias, penegrinas joias...
Talvez pensando no clarão dos astros
 Zombasse dos diamantes !....

•

O FILHO DE S. ANTONIO

(CANÇÃO DE UM DEVOTO)

Bem sei, criança estouvada,
Que por artes do demonio,
Furtaste, á noite passada,
O filho de Santo Antonio !

E sem medo, sem piedade,
Cheia de um impio alvoroço,
O mimo do pobre frade
Correste a esconder no poço !

O coração pollue-se nas cidades :
Podem ser bons os homens isolados,
Mas se o nó social n'um corpo os liga,
Meu Deos ! tornão-se atrozes !
Dobráo á lei o collo, e astutos tração,
Mesmo aos olhos da lei, planos do inferno ;
Peste moral de rapido contagio
Devora-lhes as visceras !
Fazem da negra intriga uma sciencia,
Sabem mentir á sombra da verdade ;
E entre palavras de virtude incensão
O demo da calumnia !...
Feliz a virgem que repousa agora !
Feliz mil vezes, não pisou nas praças !
Misera flôr, o halito das turbas
A teria queimado !...
Inda florescem, vede, os jasmineiros,
Inda as rosas se embalão junto á choça
Onde na sombra a triste mãi chorosa
Soluça amargamente !

As trepadeiras curvão-se á janella,
Gemem no tecto os pombos amorosos,
Suspenso á porta na prisão gorgeia

O sabiá das serras.

Tudo isto ella adorava, e ella não vive !
E ella passou ligeira como a nevoa
Que o vento da manhã varre do outeiro,

E dissipa nos ares !

Tudo isto ella adorava ! Ao sol poente,
Leda e risonha, coroada a fronte
De rubras maravilhas, leve, airosa,

Vinha regar as flôres ;

E em meio erguida a barra do vestido,
Saltava como a corça, ora amparando
A hastea pendida de viçosa dahlia,

Outras vezes solicita

Bravias plantas arrancando em torno
Dos pequenos craveiros, ou tranquilla
Contemplando os botões que se entre-abrião

A' frescura da tarde.

E que sentidos cantos que cantava !
Que ingenuos versos ! Que singelas rimas !
Tudo era amor, saudades, esperança.

Ventura e mocidade !

Depois a seu chamado as aves meigas
Vinhão em bando lhe brincar em torno,
Ora pousando nos bem feitos hombros,

Ora nas mãos mimosas

Colhendo os alvos grãos que lhes guardava
Sua innocente amiga, ora escondendo

As cabecinhas languidas nas ondas

De seu basto cabello !

Pobres filhos do ar ! Ella está morta !

Ella está morta a virgem das montanhas !

Chorai, chorai, os genios de além-mundo

Levarão-a consigo !

Olhai ! Seu rosto como é bello ainda !

Que suave expressão nos labios calmos !

Longe de amedrontar-se ao ver a morte

Parece que sorrira !

Alli junto á palmeira está seu leito,
Sem adornos, sem pompa e sem grandeza ;
A virgem dormirá livre do fardo

De um mármore pesado.

A virgem dormirá sem o zumbido
De torpes vates, de oradores torpes ;
Poderá descansada ouvir os canticos

Dos anjos pelo espaço !

No silencio da noite as nuvens brancas
Descerão sobre a leiva consagrada ;
O orvalho das manhãs será tão doce

Como o pranto fraterno.

Feliz a virgem morta nas montanhas !
No ermo despertou, dorme no ermo !
O halito empestado das cidades

Não maculou-lhe a vida !

Como a limpida gotta que dos ares
Cahe no seio da flôr e aos ares volta,
Sua alma pura em santa luz banhada

Volveu para o infinito.

Me vergava soluçando,
Prestava culto á mulher.

Tens razão, por grata estrella
Tomei teu brilho fallaz,
Sinistra luz da procella,
Cirio das horas fataes !
Segui-te através de enganos,
Cheio de sonhos insanos,
Cheio de amor e de afan !
Sombra de archanjo cahido !
Busto inda quente, incendiado
Pelos beijos de Satan !

Na fronte côr de açucena
Tinhas brilho seductor,
Mas eras qual essa flôr,
Cujo perfume envenena !
Tinhas nos olhos brilhantes
Os reflexos cambiantes

De uma aurora de verão,
Mas como a charneca escura
Só podridão, lama impura,
Guardavas no coração !

Na negra esteira dos vícios
Que os decahidos formárão,
Teus funestos artificios
Illudido me arrojárão !
Amei-te, amar foi perder-me !
Foi beijar da terra o verme
Crendo o Deos da vastidão...
Em vez do sol que buscava,
Louco afoguei-me na lava
De medonho, atroz volcão !

Da vida estraguei por ti
Das quadras a mais risonha ;
Mas hoje sinto a peçonha
Que nos teus labios bebi !

Arrepende-te, Chiquinha,
Vida minha,
Minha linda tentação!
A divindade perdôa,
Terna e boa,
Os erros do coração.

Ah ! que fizeste, insensata ?
Demo gentil, que fizeste ?
Por causa de um' alma ingrata
Tu' alma pura perdeste !
Tira depressa a criança
Do frio asylo onde está,
Tem nos santos esperança,
Que teu amor voltará.

Ainda é tempo, Chiquinha,
Rôla minha,
Minha rosada illusão!
A divindade perdôa,

Terna e boa,
Os erros do coração.

Acende uma vela benta
Junto ao santo que offendeste,
Lançando a mão violenta
Contra o pirralho celeste.

Leva-lhe linda toalha
Cheia de finos bordados,
Talvez a offerta te valha,
O olvido de teus peccados.

- Não te demores, Chiquinha,
Trigueirinha,
Que teus por sceptro a paixão!
A divindade perdôa,
Terna e boa,
Os erros do coração.

E quando alcançado houveres
A remissão, minha vida,

Mais formosa entre as mulheres,
Vem mimosa arrependida,
Vem que o santo receioso
De novo furto, quiçá,
Velará por teu repouso,
Nosso amor protegerá!...

Não percas tempo, Chiquinha!
Gloria minha!
Minha dourada visão!...
A divindade perdôa,
Terna e boa,
Os erros do coração.

AS LETTRAS

Na tenue casca de verde arbusto

 Gravei teu nome, depois parti;

Forão-se os annos, forão-se os mezes,

 Forão-se os dias, acho-me aqui.

Mas ai! o arbusto se fez tão alto,

 Teu nome erguendo, que mais não vi!

E n'essas lettras que aos céos subião

 Meus bellos sonhos de amor perdi.

O ARREPENDIMENTO

Tens razão, já, soberana,
Viste-me curvo a teus pés!
Alma que do mal se ufana,
Tarde conheço quem és!
Mas a imagem que eu buscava,
Por quem meu ser suspirava,
Nem presentiste sequer,
Quando uma fada invocando

Em meio de minha idade
Tenho n'alma a soledade,
Na fronte o gelo eternal ;
Sinto a morte nas arterias,
E ao medir minhas misérias
Me orgulho de ser mortal !

ACUSMATA

(FRAGMENTO)

POETA.

Como se arrasta lentamente o tempo !
Como tarda o repouso ! Como pesa
Sobre a livida fronte do poeta
Esta bronzea cadeia de agonias
Que chamamos a vida ! Este motejo

Lancinante da sorte que resume,
Contradictoria, atroz, inexoravel,
Em dias contingentes de existencia,
A eternidade de um soffrer sem nome !

Meia noite ! Hora funebre e tremenda !
Ferreo vibrar de rispido martelo
Que os demonios acorda, e as larvas ergue
Nos dormitorios humidos da morte.
Lugar commum dos bardos da descrença !
Momento de terror, risos, facecias,
Remorsos e pezar ! Instante. augusto
Em que Ella desce muita vez das nuvens
E vem sentar-se de meu leito á borda !.

Quero chorar. Mas não, não, que meus olhos
Têm pudor, não chorão ! E comtudo
Sinto-os n'um mar de lagrimas perdidos !
Sinto que o pranto sobe-me do seio !
Sinto que o pranto desce-me do cerebro !

Sinto que o pranto escalda-me as retinas !
Sinto que fui feliz, e n'essa quadra
Nem tristezas cantei, nem amarguras,
Mas Deos, a vida, a mocidade e a gloria !

Detesto a escola funebre, e mentida,
De gordos desditosos que padecem
Os revezes da sorte em lautã mesa.
Detesto os cantos scepticos, descrentes,
De rosados athêos, sabios ephemeros,
Impios provocadores da desgraça.
Detesto-os, porque soffro, e soffro muito,
Porque supporto um peso de miserias,
Tão grande que roxeia-me as espadas!

Da natureza ás multiplas facetas
Tenho um plano pedido, onde, traçada
Veja nova existencia ; ao bello, á arte,
Mesma supplica hei feito ; ao movimento,
Aos labores mais duros, aos trabalhos

Mais asperos da vida, hei mendigado
Uma nuvem de paz, um véo de olvido!
E tudo é mudo! O que me resta agora?
O socego da morte, a cinza, o nada!...

Morrer... cahir... mudar... deixar o asylo
De uma prisão de carne e de miserias
Por um mundo ignoto! Aos ventos soltos
Desprender os andrajos derradeiros
De uma sordida veste, e desnudado
Tiritar nos desertos do invisível!
Arrancar da esperança o ultimo broto!
Deixar a propria dôr que obstinada
Ha temido a razão milhões de vezes!...

E no entanto eu tenho a noite n'alma!
E o descampado horrendo, esteril, vasto,
Ha succedido ao genio que acendia
As fibras de meu craneo!... — Se comtudo
Uma restia de luz brilhasse ao menos!

Se uma voz me fallasse ! Se uma gotta
Das lagrimas que vertes por meu fado,
Anjo de piedade e de candura,
Metombasse no seio, então quem sabe !...

Mentira ! tudo é quedo, immovel, frio !
O vento passa, os espinheiros gemem
Torcendo os galhos seccos, dir-se-hia
Que ameação ás nuvens ! Bem, morramos,
Tem bellezas o pó, sonhos a tumba,
E a morte que os estultos amedronta
Brota a meus olhos pensativa e meiga,
Coroadada de flôres mais formosas
Que as tristes rosas dos jardins dos homens !

VOZES NO ESPAÇO.

Somos a idéa, o sentimento, a essencia
Da criação inteira ; a intima nota

De quanto brilha, corre, canta e chora ;
Somos o fluido eterno, que circula,
Envolve o globo, os seres, e penetra-os
De um infinito amor ; somos a cithara .
Onde o sopro de Deos roça inflammado,
E sacode no espaço a paz aos homens
.N'um turbilhão de notas amorosas.

POETA.

Quem o sentido revelar pudera
D'esse rumor confuso, immenso e vago,
Que se eleva da terra, semelhante
Ao rressonar dos genios adormidos ?
E o prazer que falla ou a tristeza ?
Reflecte, sente o globo, ou condemnado
A cruento penar, delira e geme,
E se desfaz em pragas horrosas ?
Ah ! mysterio tremendo ! Ah ! fundo arcano !

AS ARVORES.

Porque te affliges, misero poeta ?
Não nos conheces mais ? — Olha, contempla
E n'estes troncos asperos, nodosos,
Verás feições amigas. N'esta queixa
Que de nossas folhagens se desprende,
Escutarás de novo o meigo timbre
De teus socios de infancia. N'esta sombra
Que alongamos do chão, verás o leito,
Onde, tantos momentos, repousaste.

Ah! eras bello n'esse tempo ! A aurora
Tinha-te posto toda a luz nos olhos !
Quando passavas, teu caminho ledo
De frescura e de folhas alfombravamos !...
E tu partiste ingrato, e tu partiste !
E trocaste o socego do deserto
Pelo fulgor das salas dos palacios !

Pelos fingidos risos da mentira!
Pela voragem negra onde soluças!...

AS FLORES.

Somos dos astros amorosas noivas,
Cada noite uma estrella nos envolve
Na teia luminosa, e nos transporta
A seu fulgido leito. Á madrugada
Fugimos de seus braços, e medrosas
Cahimos sobre os campos. Nossos seios
Trazem ainda o aroma dos cabellos
Dos celestes esposos; nossas faces
Estão rubras ainda de seus beijos.

Androginas do ether, a desgraça
Nos dividio nos primitivos tempos:
Uma parte fulgura entre as estrellas,
Outra desceu á terra, e suspirosa
Cada noite meneia a debil fronte,

Mirando o firmamento. Um doce pranto,
Um pranto repassado de saudades,
Vem nos banhar o avelludado collo.
Que divina volupia n'essas lagrimas!

Poeta, a trepadeira solitaria
Que se enrosca lasciva ao duro tronco
Do cedro secular; a flôr guardada,
Entre os galhos do ipé, nas grossas folhas
De alpestre parasita; a molle acacia;
O manacá cheiroso que se ostenta
A beira d'agua, pensativo e triste;
Os festões do ñgazeiro e as açucenas,
Todas te'amavão, te adoravão todas!

Nunca fomos ciosas! Muitas vezes,
Brutal, nos trucidaste sem piedade
Para adornar as frontes suarentas
De grosseiras amantes! Muitas vezes,
Distrahido vagando, nos pisaste,

Como torpe animal! Porém que importa?
Se outras vezes choravas debruçado
Beijando-nos o seio? Se outras vezes
Tinhas tanta poesia a repetir-nos?

Ai! um dia esperámos-te debalde!
Tinhas partido, ingrato! Abandonaste
Nossa belleza candida e modesta
Por essas sombras doentias, pallidas,
Que entre os lustres do baile se evaporão!
Por essas mumias sensuaes que peijão
As alcovas de sordidas pocilgas!
Pela morte encoberta e mascarada!
Pela lepra insanavel de tua alma!

Se tivesses ficado, oh! cada noite
Uma de nós se erguêra embalsamada
Para as lendas contar de nosso reino!
Não o quizeste, doudo, agora é tarde;
E se ainda voltasses, a amargura

Nos faria murchar, cahir sem vida,
A fim que o viandante nos tomasse
Para tecer a c'roa derradeira,
A c'roa derradeira que te resta!

O RIO.

Sobre dourada areia desenrolo,
Soberano do val, meu regio manto;
Os passarinhos namorados cantão
Nas figueiras bravias; chora o vento
Nos densos taquaraes... — Mas ah! poeta,
Não mais te vejo, nem te escuto ao menos
Da loura Grecia as nayades chamando!
Nem a meus flancos murmurando idyllios!
Nem sobre as aguas a guiar teu barco!

Que fizeste, infeliz! Genio bemdito,
Eu te devêra encaminhar no mundo!
Quando á tepida luz de amenas tardes,

Cantavas, sobre as rochas inclinado,
Quantas promessas te não fiz! Que planos
Desvendei a teus olhos scintillantes!
Eu que te vi nascer e que te amava
Como a rola ao deserto, á flôr a abelha,
E os pintasilgos aos vergeis floridos!

E desprezaste a virgem que eu fadei-te,
Pura, mais pura que as estrellas todas!
Cortaste o fio do dourado drama
Que no silencio mystico das noites,
Pensando em ti, tracei, esmando o espaço
De um brilhante porvir! Lyrios e rosas,
Tudo pisaste no delirio insolito
De uma febre insensata! Desditoso!
O que te resta agora? O que te resta?

A ESTRELLA VESPER.

Tudo repousa, as folhas da centaurea

Tremem de frio á beira do caminho,
Dobráo-se os juncos nas lagôas negras,
E os vagalumes do deserto pasmão
A' mansa luz que entorno sobre os campos.
Porque não vens inspirações pedir-me,
Sonhador de outras éras? Por ventura
Meu suave clarão não é tão bello
Como ao começo de teus verdes annos?

N'UMA CHOÇA DE PALHA.

Escutai os harpejos da viola,
São mais sentidos que o soprar do vento-
Beijando a medo os arrozaes viçosos;
Prestai ouvido á voz do sertanejo,
Que ella falla de amor, e a patativa
Nunca nos matagaes gemeu tão triste!
Filhas da serranja e das campinas,
Adornai-vos de rubras maravilhas,
Vinde, que a noite avança e o céo desmaia!

ESPIRITOS NA ATMOSPHERA.

Sacudí o sudario, errantes sombras,
Roseos espectros, lemures da infancia,
Phantasmas louros de illusões perdidas!
Dansai, cantai nos planos luminosos
Que o iris cerca de brilhantes côes!
Chamai as fadas, e as ondinas leves,
Despertai nos palacios encantados
As princezas que dormem por cem annos!
Vinde fazer a orgia da saudade!

POETA.

Oh! se não fosse um sonho! Se das trevas
Do sombrio passado inda pudesse
As almas evocar de tantos seres!
Se esta prisão de argila e de miserias
Não vedasse-me o vôo! Se do livro

Onde flammeja a lugubre sentença
Eu pudesse rasgar uma só folha,
Uma só, grande Deos ! Talvez lograsse
Todos os males apagar que hei feito !

NO ESPAÇO.

Cumpre teu fado n'esse mundo ingrato.
Eu, tambem caminhei, hoje descanso
Dos eleitos de Deos no vasto imperio !
Não se afastão de ti meus olhos ternos.
Manchou-me o pó da terra, a luz das luzes
Deu-me nova existencia ao pé dos anjos.
Como te amei outr'ora, amo-te agora,
Furta ao lodo tu'alma, olha as alturas,
E do empireo no azul verás meu rosto !

POETA.

D'onde parte esta voz ? De que recinto

Mysterioso, occulto, me dirige
Tão suaves concertos? Por ventura
Além do firmamento, além dos astros
Uma plaga de paz e amor existe?
Onde está ella?... a mente se me abraça!
Por toda a parte só materia vejo,
Luzes, vapores, ar, globos, espheras,
Mundos e mundos, sempre cheio o espaço!

Onde repousa o solio do invisivel?
Onde se abriga o sopro imponderavel
Que anima os corpos dos mortaes na terra?...
Se as redeas solto á phantasia ardente,
Ella abandona o pó, transpõe as nuvens,
Vence as èstrellas, deixa o sol e o ether,
Arroja-se atrevida no infinito,
E nada encontra além do eterno abysmo!
Nada! e no lodo engolfa-se de novo!

Perdão, perdão, meu Deos! Busco-te embalde

Na natureza inteira ! O dia, a noite,
O tempo, as estações, mudos succedem-se,
E se fallo de ti mudos se escoão !
Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma !
Da consciencia ao fundo eu te contemplo !
E movo-me por ti, por ti respiro,
Ouço-te a voz que o cerebro me anima,
E em ti me alegre, e choro, e canto e penso !

Na natureza inteira que aviventas
Todos os elos a teu ser se prendem,
Tudo parte de ti, e a ti se volta ;
Presente em toda parte, e em parte alguma,
Intima fibra, espirito infinito,
Move, potente, a criação inteira !
Dás a vida e a morte, o olvido e a gloria.
Se não posso adorar-te face a face,
Ah ! basta-me sentir-te sempre, e sempre.

Eu creio em ti, eu soffro, e o soffrimento

●

Como ligeira nuvem se esvaece
Quando repito teu sagrado nome !
Eu creio em ti, e vejo além dos mundos
Minha essencia immortal brilhante e livre,
Longe dos erros, perto da verdade,
Branca d'essa brancura immaculada
Que os genios inspirados, n'esta vida
Em vão tentárão descobrir nos marmores.

;

A SÊDE

1810

I.

Cada vez mais possante e mais robusta
Bramia audaz a insurreição nascente
No coração do Mexico. As collinas
Tornavão-se tremendas fortalezas,
Transbordavão as selvas de guerreiros
E as grutas de armamentos. A alvorada

De dia em dia seu clarão furtava
A milhares de seres, e o silencio
Das noites estivaes não mais cobria
A face desolada dos desertos,
Onde vencido e vencedor rugião
Ensopando de sangue o chão revolto.
As moças aldeãs tinham perdido
Seu riso jovial, e recolhidas,
Em torno ao triste lar, cheias de luto,
Deslembração seus cantos prazenteiros
Para chorar a morte dolorosa
Dos pais ou dos irmãos. O céu brilhante,
O proprio céu da terra americana
Não mais sorria aos campos devastados.

II.

Vinha descendo a noite, trega noite
De pavores e sustos. Na planicie

Que entre Anelo se estende e entre Monclova
São confusas vozes, brilhão lumes,
Cruzão-se á chamma rubra das fogueiras
Vultos inquietos. O rumor augmenta-sé,
Novas figuras erguem-se do solo ;
Tinem espadas ; ameaças troão,
E um só clamor se entende pelo espaço
Os écho acordando : « Temos sêde !
Dai-nos agua por Deos ! » Então da sombra
Um homem se destaca ; seus olhares
São calmos e tristonhos, o sorriso
Forçado de seus labios auuuncia
Mal disfarçada mágoa, tem nos braços
Uma tenra criança. « Ouví, meus filhos.
Disse com voz serena, aqui vos deixo
Este anginho em penhor ; se á madrugada
Não tiverdes matado a sêde ardente
Fazei o que pensardes. Sobre a terra,
Unico leito que ao guerreiro livre
O Senhor permittio, soffre sem queixas

Minha esposa infeliz! E vós, guerreiros,
Vós que lutais em prol da liberdade,
Que a patria defendeis, vergais o collo,
Servos de vergonhoso desespero ! »
Assim dizendo, sobre a fria areia
A criança depôz. « Não ! não ! bradárão
Enternecidas vozes, o innocente
Deve ao lado dormir da mãe que o adora !
Confiamos em vós, depressa a noite
A terra deixará. » E pouco a pouco
Foi-se afastando a turba de seu chefe,
Que a passos lentos se perdeu na sombra.
Agasalhando ao seio o pobre filho.

III.

Junto de esteril cespede inclinada,
Sobre grosseiro manto, se desenha
Um vulto de mulher ; ao lado d'ella

Dous guerreiros vigião. Pensativo
Vem se sentar o chefe a poucos passos.
Após um meditar de instantes curtos,
« Valdivia, diz, encontrarás cem homens
Dedicados e fortes, que nos sigão,
Entre essa pobre gente que delira ?
— Sim, responde Valdivia, o destemido,
Valente lutador, de bronzeos musculos,
Alma de heróe em corpo de granito ;
Sim, e o primeiro sou ! » A estas palavras
O outro guerreiro levantou-se rapido.
« E tambem eu, meu pai, » disse abraçando
O resoluto chefe. « Bem, agora
Trata de os avisar, um só momento
Não devemos perder. O Rei das Sombras
Que venha ter comigo. » Os dous guerreiros,
Quaes dous raios partirão. Triste o chefe
Voltou-se á triste esposa, e lhe depondo
Um frio beijo sobre a fronte fria,
Deitou-lhe ao lado o misero filhinho.

« Minha pobre Evelina, que fadario
Lutulento é o nosso ! » Disse, e a socia
De seu fundo soffrer, vendo-lhe os olhos
N'um véo de acerbas lagrimas envoltos,
Lançou-lhe ao collo os braços amorosos,
Chorou com elle o pranto do infortunio.

IV

Tambem no seio d'este mundo virgem
Ha desertos terriveis, flagellados
Por um sol implacavel. Vastos mares
De areia movediça se desdobrão
Até perder-se além nos horizontes.
Nem uma gotta d'agua n'esses ermos !
A noite lhes negou seu fresco orvalho,
E as chuvas do verão fugir parecem
A seu horrído aspecto. Desditoso
Do viandante que o roteiro perde

N'essas paragens lugubres malditas !
Comtudo ás vezes junto a ingrata mouta
De resequido cactus se levantão
De uma cisterna os labios : são lembranças
Que deixárão, quem sabe, errantes hordas,
Ou mãos piedosas de piedosos seres
Que n'essas plagas muita vez sentirão
O martyrio de Agar nas soledades.
Mas nem restava este recurso ao menos
Ao desditoso chefe ! as tropas barbaras,
Mais barbaras que os barbaros d'outr'ora,
Tudo entulhado havião ! Dias quatro
Da liberdade os bravos combatentes
O supplicio da sêde supportavão !

V.

« Eis-me aqui, general ! » a poucos passos
Uma voz murmurou rouquenha e surda,

E um vulto adiantou-se. « O Rei das Sombras?
— Sim. » Era um homem de estatura herculea,
A dubia frouxa luz que das fogueiras
Mal clareava a scena, sobre o dorso
Batia-lhe fugaz, como nos musculos
De uma estatua de cobre a claridade
Das solitarias lampadas de Brahma.
O Rei das Sombras..... atrevido nome,
E comtudo feliz. Da selva os filhos,
Homens de rubra tez, negros cabellos,
Ageis no jogo da ligeira setta,
Amão da lingua as pompas ; o deserto
É seu vocabulario, e que bellezas
Não encerra o deserto ! O Rei das Sombras
Tinha nascido á sombra das folhagens
Das mattas primitivas, como as aves
Livre, e como a amplidão ; mais tarde o acaso
Fêl-o deixar seus paços de verdura
Para seguir o aventureoso officio
De guiar no deserto os viajores.

Tinha talvez de idade doze lustros.
Ninguem mais dextro, mais sagaz, mais fino
Em descobrir os rastos do inimigo,
Vencer perigos, prevenir os factos,
E até, dizião, predizer aos homens
Os arcanos vendados do futuro.

VI.

Ao Rei das Sombras dirigio-se o chefe.
« Disseste que a seis horas de caminho
Uma fonte acharíamos ? — Eu disse,
General, mas um bando de inimigos
Velão ahi, trahidores como as serpes !
Em deserta fazenda, circumdada
De erguidos muros, seu quartel formárão ;
A cada instante em torno as sentinellas
Gritão rondando. — Não importa, a morte
Será menos cruel aos golpes d'elles

Do que nas ancias d'esta sêde insolita
Que as entranhas nos róe ! Prepara as armas,
Consulta a noite e os ventos, è conduze-nos.
Já dos cavallos as passadas ouço. »

VII.

Partíra o chefe e o grupo de guerreiros.
Por entre as nuvens as estrellas morbidas
Vertião sobre a terra somnolenta
Seus ultimos clarões. Os horizontes
De uma côr violacea se tingião,
E amplos areaes, tredos, immoveis,
Esperar parecião tristemente
O dubio riso de uma aurora enferma.
Tudo dormia ; o lume das fogueiras
Sob um sudario de ligeira cinza
Parecia tambem, meio abafado,
Dormir sobre os tições... Oh ! Deos ! que allivio

Não déste aos seres n'esta irmã da morte,
Rima da noite, que se chama o somno !

Evelina acordou sobresaltada :

« Escuta, disse ao filho que ficára
Por mandado do chefe ; escuta, filho,
Disse ao moço guerreiro, tive um sonho,
Cheio de horror e cheio de presagios !
Punha-se o sol, un turbilhão de fumo
Cobria o descampado, em seu cavallo
Galopava teu pai a toda brida
Em direcção a nós ; e no entanto,
Bem longe de alegrar-me, dentro d'alma
Uma pungente dor me lacerava !
Depois vi-me a mim mesma, em meus cabellos
O sangue gottejava, um véo de morte
Empanava-me os olhos desvairados,
E corri a encontral-o ; quando perto
Os braços lhe estendia, agudo grito
Escapou de meu peito, e sobre a terra
Cahi fria e sem forças..... o inditoso

Não tinha mais nos hombros a cabeça ! »
O mancebo pensava ; n'esse quadro
Confuso, iucoherente, presentíra
Sinistros laivos de uma atroz verdade.

VIII.

Em breve no oriente o rei dos astros
Foi-se mostrando aos poucos. Os guerreiros
Erguêrão-se bradando : « O sol desponta,
Vamos buscar o chefe ; é vinda a hora
Da promessa cumprir. » Mas quando junto
Chegárão do lugar onde a familia
Do chefe descansava, e em vez do chefe
Só encontrarão Evelina afflicta,
O moço pensativo e a criancinha
Chorando fracamente, em altas vozes :
« Trahição ! trahição ! bradárão, pague o filho
Pela infamia do pai ! Sim, disse um indio

De turvo olhar e feia catadura ;
Vede, o infame trahidor levou comsigo
Cem trahidores guerreiros ; vede, amigos
Quantos de menos entre nós se contão !
— Trahição ! vingança ! » vozeou a turba,
E como a vaga infrene que se atira
De uma ilha isolada ás ermas praias
Avançou para as victimas rugindo.
« Ninguem se chegue, escutem-me primeiro ! »
Disse o moço apontando os bronzeos canos
Das armas que trazia á onda viva
Raivosa dos rebeldes. O silencio
Estendeu-se um momento onde soára
Ha pouco a tempestade. « Eu tambem juro
Sobre minh'alma, sobre minha vida,
Que sereis satisfeitos. Bravos, animo !
Deixai que em meio céo o sol fulgure,
Se meu pai não voltar..... » Esta proposta
Não contentou a turba ; no entanto
Ella calinou-se um pouco, e dispersada

Sobre a areia dos ermos esperava
Que fulgurasse o sol, o sol do meio dia.
Esse instante chegou, não veio o chefe!

IX.

Mas entre nuvens de poeira ao longe
Assoma um cavalleiro ; denso nimbo
Que os aquilões fustigão pelo espaço
Não corre mais ligeiro. Tem o corpo,
Do valente animal pendido ás crinas,
Mas o curvado e musculoso dorso
Brilha aos raios do sol como os relevos
De um escudo de ferro. « O Rei das Sombras !
Todos bradárão prolongando a vista.
Em breve elle alcançára o acampamento.
« Filhos da liberdade! eia marchemos!
Offegante exclamou, que nosso chefe
Luta como um heróe por vossa causa !

Ah! de nossos irmãos apenas restão
Quarenta bravos, tudo o mais é morto
Aos golpes impiedosos dos tyrannos
Que lacerão a patria. Eia guerreiros!
Sem vosso auxilio o general succumbe!

— Vamos! vamos! em marcha! grita o moço.

— Em marcha! diz a turba. » N'um momento
A multidão moveu-se como as vagas
Por alto mar nas horas de borrasca.
E as carretas pesadas se abalárão
Sobre as quentes areias, e o deserto
Vio sem saudade os hospedes partirem.

X.

Tinha-se posto o sol, mas o occidente,
Tinto de rubra côr, sobre as planicies
Derramava um clarão sinistro e feio.
As altas rochas, os grosseiros cardos,

Erguião-se phantasticos, immoveis,
Ora como sepulcros solitarios,
Monumentos estranhos de uma raça
Que nunca os homens virão; ora um grupo
De informes creaturas imitando;
Ora disperso turbilhão de espectros
No vasto chapadão scismando quedos
A' luz sangrenta de um volcão sem fundo.
Os guerreiros marchavão. Pouco a pouco
Menos esteril se mostrava o solo,
E as rochas mais escassas. Firme terra,
Em vez de areia movediça, os passos
Dos corceis repetia; os arvoredos
Parecião surgir como prodigios
Aos olhares da tropa sequiosa.
De repente um rumor confuso e vago
Fez-se ao longe escutar. O Rei das Sombras
Deteve-se e fallou: « Estamos perto,
Esperai-me tranquillos n'este sitio,
Vou ver o chefe, n'um relance d'olhos

De novo me acharei a vosso lado.»
Inda bem não findára estas palavras
Quando um ruido estranho, discordante,
Mistura de gemidos e blasphemias,
Galopar de corceis, tinir de espadas,
Soou na solidão. «Silencio! clama
Prestando ouvido o indio valeroso;
Silencio!» E mais veloz do que a panthera
Ao chão saltou, e as ramas afastando
Cauto se adiantou. N'esse momento
A' pequena distancia as folhas rangem
Sob rude tropel, retumba o solo
E um cavallo se arroja esbaforido
Junto á tropa anciosa; sobre os lombos
Sustentava um guerreiro, e esse guerreiro
Era o misero chefe. O desditoso
Tinha do tronco a fronte separada!
Dos cem valentes que levou comsigo
Nenhum, nenhum restára! Muitos d'elles,
A' cauda dos cavallos amarrados,

Deixavão no deserto atrás do chefe
Um rastilho de sangue sobre o solo !

XI.

As tropas do inimigo estavam perto!
Estavam perto as tropas do inimigo!
Bando feroz as victimas seguíra!
E rião-se e zombavão !.....

Bravos da independencia mexicana,
Não ha palavras na mundana lingua
Que pinte a raiva d'esses homens livres
Vendo do chefe o mutilado corpo!
As massas monstruosas que rebentão
Das cimeiras dos Andes; as torrentes
Que no seio do abysmo se despenhão;
O furacão que arrasa as soledades;
O raio, a tempestade, a propria morte,

Tão cruentos não são, não são tão negros,
Nem tanto estrago no deserto hão feito
Como a explosão da furia sanguinaria
D'aquelles bravos ebrios de vingança!
Duzentos homens sobre o chão cahirão
Sob a espada dos livres! « A' fazenda!
O filho do finado, o novo chefe,
Gritou enfebreado. — Sim! bradárão,
A' fazenda! á fazenda! É morto o chefe,
Conduza-nos o filho em lugar d'elle! »

XII.

Sombrias nuvens pelo espaço rolão,
Ora vendando a facee das estrellas,
Ora deixando-as scintillar mais vivas,
Mais fulgentes ainda, sobre a espessa,
Basta melena dos bulcões medonhos.
Inquieta a noite vai, raivosos ventos
Passão roubando ás arvores as folhas,

E em tredos silvos vão perder-se ao longe
No immenso da soidão. De instante a instante
Um lampejo sulphureo os ares corta
Aclarando o deserto que repousa
Da branca areia no sudario immenso.
O vulto tenebroso extenso e lugubre
Da lugubre fazenda se levanta,
Ostentando as muralhas gigantescas
Aos olhares dos bravos combatentes.
Bradão de instante a instante as sentinellas,
Os inimigos velão resentidos
Da refega da tarde, talvez temem
A surpresa dos livres. «Bravos somos,
Bravos e muitos, diz o moço chefe;
Muitos e sequiosos; avancemos;
Vedes esse portão? É necessario
Em pedaços fazêl-o; vamos, vamos,
O momento é propicio... — Não, reflecte,
A distancia medindo, o Rei das Sombras;
Fique a metade aqui dos assaltantes,

Busque a outra escalar os altos muros ;
Quando dentro estiverem da fazenda
Seja dado um signal, então por terra
Lançai vós outros o portão maldito
Aos golpes dos machados. Bravos somos,
Ha dito o chefe, bravos nos mostremos,
Libertemos a patria ! — Combatentes,
Disse umã voz energica, mas doce,
Acerba, mas sonora, a poucos passos
Errão vinte guerreiros, são soldados
De livre capitão, elles não tardão
Em reunir-se a nós, inda um momento
Retardemos o ataque. « Era uma estranha,
Comtudo bella imagem de guerreiro
Quem assim se expressava; tinha aos hombros
Uma curta espingarda, espada ao lado,
Mas de mulher as vestes lhe cobrião
O corpo airoso, e nos fogosos olhos,
Onde os prazeres habitar devêrão,
A vingança brilhava : era Evelina !

XIII.

« Mexico e liberdade! d'entre as sombras
Uma voz murmurou páusada e firme.
— Mexico e liberdade! repetirão
Erguendo-se os guerreiros. — Vinde, vinde,
Disse Evelina apresentando ao filho
O novo companheiro. — Vinde, vinde,
Repete o moço chefe adiantando-se,
Ha muitos dias que aqui estais? — Ha quinze,
O capitão responde. — Haveis soffrido?.....
-- Perda de bravos, privações sem nome!
— Pois bem, é hoje o dia da vingança.»
E assim dizendo o plano communica
Do ataque da fazenda ao chefe amigo.
« Occorre-me uma idéa, este pondera,
Tenho uma peça, munições e balas,

Mas falta-me a carreta, se possível
Fosse trazê-la a descobrir um meio
D'esta falta sanar.... — É grande a peça ?
Uma voz perguntou. — Não muito grande,
O chefe lhe responde. — Quantos homens
São mister para erguê-la? — Cinco. — Vamos,
Prosegue a mesma voz grave e segura,
Eu farei a carreta. » Era Valdivia,
Que o morto chefe dispensado houvera
Quando havia partido; era Valdivia,
O hercules da tropa, quem fallava.

XIV

Pouco tempo depois estava a peça
No meio dos guerreiros. « Mãos á obra,
Disse o chefe mancebo, o Rei das Sombras
À frente de cem fortes combatentes
Busque os muros vingar e introduzir-se
No pateo da fazenda ; e nós, amigos,

Nós trataremos do portão ; é tempo,
A peça examinemos sem demora. »
Assim dizendo á formidavel porta
Em vão tentáráo do canhão mortifero
As fauces apontar ; em vão, a terra
Em torno das muralhas levantada
Protegia o recinto, era forçoso
Erguer do solo o bellico instrumento,
Pôl-o do ponto desejado ao nivel.
Houve um momento de silencio. «Agora
O que havemos fazer? diz o mancebo,
Que partido tomar ? — Sempre o da luta,
Responde-lhe o colosso ; o Rei das Sombras
Que siga seu destino com seus bravos,
Chamai dez homens, soerguei a peça
Eu serei a carreta ! — Tu, Valdivia !
— Eu sim, eu mesmo, » e sobre o chão cravando
Os joelhos e as mãos, fallou de novo :
« Tragão a peça e amarrem-m'a nas costas ! »
Em breve dez guerreiros reforçados

Nos rijos lombos do robusto athleta
O canhão collocarão, duras cordas
Em torno da cintura lhe passarão
A fim de bem suster o enorme peso.
O heróe nem se moveu. « Agora, amigos,
Carregai este monstro até a boca,
Apontai ao portão, fogo ! » Os guerreiros
Que devião seguir o Rei das Sombras
Tomarão seu caminho, e o moço chefe,
Ora fazendo-se inclinar a peça
Nos hombros de Valdivia, ora elevando-a,
Fez carregal-a, examinou a mecha,
Apontou ao portão, e resoluto
Acendendo o morrão : « É tempo ! disse,
Animo, bravo ! » E a mecha incendiou-se,
Rugio o bronze, vomitou seu raio,
E levantando a fronte o homem carreta
Sorrio-se e murmurou : « Mais outra bala,
Carregai-a de novo até a boca !
Ah ! maldito portão ! portão maldito ! »

Já entre os muros do sombrio forte
Começava o rumor da soldadesca,
Sons de clarins e rufos de tambores,
Annuncios de defesa e de combate.
Segunda vez no dorso de Valdivia
O canhão trovejou e a bala rapida
Abalou o portão até seus gonzos.
O bravo levantou de novo a fronte
Suarenta, inflammada. « Um tiro-ainda!
Disse com surda voz, e tudo é feito!
Carregai-a sem medo até a boca ! »
O chefe obedeceu, a ignea mecha
Mais uma vez brilhou, partio o raio,
O trovão retumbou, a grande porta
Em pedaços cahio, e um grito agudo,
Atroz, pungente, fez-se ouvir no espaço !
O heróe da noite se torcia em ancias
Debaixo do canhão ! O ultimo abalo
Tinha-lhe a espinha vertebral partido !
Dez minutos depois era um cadaver.

XV

« Mexico e liberdade ! Eia, avancemos ! »
Bradarão n'uma os assaltantes ;
E como as vagas de caudal torrente
De erguida serra na garganta estreita
Com pavorosos urros se engolfando,
Em confuso tropel se arremessarão
Á livre entrada que o canhão fizera.
Um granizo de balas sibilantes
Partiõ dos sitiados, derribando
Muitos dos invasores. « Vamos ! vamos ! »
Bradava o chefe, e os avidos guerreiros
Rompendo a densa nuvem de fumaça
No pateo da fazenda penetrarão.

XVI.

Então á dubia luz dos astros raros,
Que entre as nuvens condensas scintillavão,
Houve uma scena horrivel. Semelhantes
A dous bulcões medonhos que se enroscão,
Torcem-se unidos atroando o espaço,
Ao som de seus bramidos estrondosos,
Os guerreiros do forte e os assaltantes
N'uma só massa escura se fundirão,
Cahões de seres humanos consumido
Pelo fogo da raiva e da vingança !
Ondas de desespero e de loucura !
Mistura de paixões e de martyrios
Patente á luz das timidias estrellas .
Na sombria nuez de seus horrores !

XVII.

Emquanto isto passava-se no pateo
Tendo os muros transposto o Rei das Sombras
Invadia o edificio onde açodado
O commandante ao lado de alguns homens,
Bravo como um leão, se defendia.
Debalde ! A mão de Deos era visivel,
E o anjo tutelar dos entes livres
Batia as azas longas, inflammadas,
Em torno de seus filhos predilectos.

XVIII.

« Mexico e liberdade ! » os combatentes
Que lutavão no pateo repetirão

Sob a expansão de um jubilo indizível.
« Mexico e liberdade ! » das janellas
Do sombrio edificio lhes responde,
De seus bravos no meio, o Rei das Sombras.
« Mexico e liberdade ! » e á luz de um facho
Desenhou-se na porta do edificio
O vulto de Evelina. « Vencedores !
Disse atirando ás pedras da calçada
Uma sangrenta e livida cabeça,
Eis—ali meu quinhão ! — O commandante ! »
Attonitos bradárão contemplando
A fronte fria do inimigo chefe.

Está passada a sêde da vingança,
Mas a sêde do corpo nos devora,
Ás cisternas, guerreiros, ás cisternas !

●

ENOJO

Vem despontando a aurora, a noite morre,
Desperta a matta virgem seus cantores,
Medroso o vento no arraial das flôres
Mil beijos furta e suspirado corre.

Estende a nevoa o manto e o val percorre,
Cruzão-se as borboletas de mil côres,
E as mansas rôlas chorão seus amorés
Nas verdes balsas onde o orvalho escorre.

E pouco a pouco se esvaece a bruma,
Tudo se alegra á luz do céo risonho
E ao floreo bafo que o sertão perfuma.

Porém minh'alma triste e sem um sonho,
Murmura olhando o prado, o rio, a espuma :
Como isto é pobre, insipido, enfadonho!

LYRA

Quando me volves teus formosos olhos,
Meigos, banhados de celeste encanto,
Rasgo uma folha da carteira, e a lapis
Escrevo um canto.

Quando nos labios do rubim mais puro
Mostras-me um riso seductor, faceto,
Encommendo minh'alma ás nove musas,
Faço um soneto.

Quando ao passeio, no mover das roupas,
Deixas de leve ver teu pé divino,
Sinto as arterias palpitem tumidas,
Componho um hymno.

Quando no marmor das espaduas bellas,
As negras tranças a tremer sacodes,
Ebrio de amor, sorvendo seus perfumes,
Rimo dez odes.

Quando á noitinha me fallando a medo
Elevas-me do céo á luz suprema,
Esqueço-me do mundo e de mim mesmo,
Gero um poema.

O MESMO

Desde a quadra a mais antiga
De que rezão pergaminhos,
Cantão a mesma cantiga
Na floresta os passarinhos.

Tem o mesmo aroma as flôres,
Mesma verdura as campinas,
A briza os mesmos rumores,
Mesma leveza as neblinas.

Tem o sol as mesmas luzes,
Tem o mar as mesmas vagas,
O deserto as mesmas urzes,
A mesma dureza as fragas.

Os mesmos tolos o mundo,
A mulher o mesmo riso,
O sepulcro o mesmo fundo,
Os homens o mesmo siso.

E n'este insipido gyro,
N'este vôo sempre a esmo,
Vale a pena, em seu retiro,
Cantar o poeta, mesmo?

A UM MONUMENTO

Triste, negra vassallagem
Do mais baixo servilismo,
Negreja no espaço a imagem
Consagrada ao despotismo.

E em torno d'ella agrupados,
Vergonha de nossa idade !
Estão os vultos sentados
Dos filhos da liberdade !

O povo curva-se e passa,
Porque não vê a ironia
Que encerra essa bronzea massa
Indigna da luz do dia.

Porque nunca leu a historia
Das turvas éras passadas,
Folhas brilhantes de gloria,
Mas de sangue borrifadas.

Porque não conhece o drama
Do martyr que alli morrêrá,
Por zelar a sacra chamma
Que a liberdade acendêra.

Pobre turba ! Nescia e fatua
Na sua soberania,
Beija os pés á fria estatua
Que ha de esmagal-a algum dia !

A PENNA

(FRAGMENTO DE UM POEMA INTIMO)



Poucos instantes de vida
Me restão, oh ! bem o sei !
Fiquei vencido na lida,
Seja assim, cumpra-se a lei!
Fui forte, com firmes passos
Transpuz desertos espaços,

Affrontei mil temporaes,
Sorri no dorso das vagas
Da tormenta ás surdas pragas,
Da morte aos brados fataes!
Bebi de todas as taças,
Provei todas as desgraças,
Todas as dôres soffri;
Mortal, vergou-me o martyrio,
Nem a luz tenho de um cirio,
Sinto na frente o delirio,
Não passo além, durmo aqui.

E no entanto que sonhos,
Que planos ledos, risonhos,
Minha mente não formou
A luz d'este céo brilhante,
Sobre este solo gigante
Que o Senhor abençoou!

Quantas vezes reclinado,
Mansamente balouçado
Sobre o regaço materno,
Não senti por minhas faces
Roçarem genios fallaces
Que me apontavão mendaces
Um porvir de gozo eterno!

Meu Deos ! Porque me lançaste,
A mim levita da dôr,
Na terra onde derramaste
Tanta vida e tanto amor ?
Porque á mágoa sem nome
Que minhas fibras consome,
Tanta luz antepuzeste ?
É quando tudo folgava,
Quando tudo se alegrava,
Porque chorar me fizeste ?

Porque me déste um destino?
Porque me deixas sem tino
No meio da criação,
Imagem de um mal acerbo,
No teu poema soberbo
Sangrento escuro borrão?

Quantas flôres hei plantado,
Quanto arbusto hei adorado,
O tempo tem derribado,
Tem o lodo consumido!
Hoje sobre o meu calvario,
Triste, mudo, solitario,
Rasgo as dobras do sudario,
Mordo a cruz enfebrecido!.....
Humilhar-me ao sofrimento?
Nunca! A's rajadas do vento
O cedro jámais se dobra!

Tenho o orgulho da desgraça,
Quanto mais á dôr se abraça
Mais força minh'alma cobra!

Oh! minha penna querida,
Não quero ensopar-te, não,
Na funda, negra ferida
Que tenho no coração!...
Não quero, não posso! Ainda
Eu a vejo airosa e linda
Vir se sentar junto a mim!
E não é mais que uma idéal
Folha de rota epopéa!
Fatua luz que bruxoleia .
Sobre um deserto sem fim!
E não é mais que uma nota,
Triste, languida, remota,
Nas solidões do passado!

Um monte de brancos ossos!
Marco atirado entre os fossos
De medonho descampado!
Oh! minha penna mimosa,
Minha penna graciosa,
Companheira carinhosa
Dos festins da mocidade!
Meu orgulho de criança!
Mais tarde loura esperança!
Maga estrella de bonança!
No meio da tempestade!
Vou deixar-te! Está quebrada
Essa trindade adorada
Que tantos sonhos gerou!
Ella partio, nós ficamos,
Ingratos, não mais riámos,
Oh! de lagrimas enchamos
O espaço que ella occupou!

Mas não! Se te ordena a sina,
Se o destino assim te manda,
De pé sobre a propria ruina
Canta, oh! alma miseranda!
Pede ao inferno uma lyra,
Toma os guizos da loucura,
Dansa, ri, folga e delira
Mesmo sobre a sepultura!
Solta rudes harmonias,
Brinda a morte e as agonias,
Canta as coleras bravias
Dos precitos eternaes;
Sobre tumulos e berços
Escreve ainda, e teus versos
Sejão banhados, immersos,
Nos prantos de Satanaz!

LEVIANDADES DE CINTHIA

PANFILIO, AMPHILOPHIO, MARCULPHO.

Noite. Um rio com uma ponte. Panfilio á margem esquerda.

PANFILIO.

Cirios da noite, vividas estrellas,
Apagai vossa luz! Veigas, campinas,
Onde tantos momentos palpitante
De poesia e de amor errei tecendo
Hymnos á ingrata por quem tanto soffro,

Envolvei-vos n'um manto tenebroso!
Furtai o turbilhão de vossas dryades
De meu tragico fim á triste scena!
E tu cruel tyranna de minh'alma,
Tu que a pagaste meus rosados sonhos,
Que afogaste meus planos de esperança
No oceano sem fim de tua astucia,
Adeos! adeos! No seio d'estas aguas
Quero occultar meu drama de martyrios,
Minha historia de lagrimas e sombras!

Apparece Amphilophio á margem direita.

AMPHILOPHIO.

Eis-aqui o lugar ermo e sinistro
Onde vou terminar minha existencia.
Deos me perdôe, sobre este vil planeta
Vale mais um defunto que um mendigo.
Ignoro a politica, estou pobre,
Heranças não espero, acho-me velho,

É preciso morrer. Examinemos
Esta liquida cama. Quando a aurora
Estender caprichosa os seus rabiscos
Na cupula do céo, meu fim nefasto
Correrá, bem o sei, de boca em boca
Pela cidade toda. « Era um bom homem,
Os vizinhos dirão ; morou dez annos
Junto de nós e nunca nos queixámos,
Nem tínhamos de que ; amava os pobres ;
Nunca na vida alheia intrometteu-se,
Nem fez mal a seu proximo..... sómente
Era amigo do vinho e das mulheres,
E voltando do jogo ás vezes bebado
Punha toda esta rua em movimento. »
Outros dirão : « Matou-se ? Aos sessenta annos
Um homem de juizo não se empenha
Em conquistas venaes. Teve sultana,
Boa mesa, bom vinho e máos amigos ;
Comprou sedas, brilhantes, carros, moveis,
E cego por seu idolo funesto

Fez da burra um altar para adoral-o.
Foi melhor que morresse; Deos o tenha. »

PANFILIO.

Negro destino! Abandonar o mundo,
A esperança, o porvir, talvez à gloria,
A fortuna, o prazer, na flôr dos annos,
E buscar os desertos de além-tumulo,
Cheio de desespero! No entanto
Não posso mais viver!..... Pois bem, morramos!
Amanhã os jornaes d'esta cidade
N'um artigo de fundo accommodado
Entre tarjas de luto, em grandes lettras
Dirão: « Mais um talento ha succumbido
Ao peso das desditas! Mais um astro
Perdeu-se entre os negrumes da tormenta!
Panfilio já não vive! Já não vive
O terno sabiá que amenisava
Com seu canto sentido estas paragens! »

Talvez ao ler a lugubre noticia
A ingrata chore, e lá na eternidade
Eu goze do prazer de ver meu nome
Impresso em grossos typos.

AMPHILOPHIO, descobrindo Panfilio.

Não me engano,
Eu vejo alguém que falla e gesticula,
Do outro lado do rio. Estou perdido !
Espreitão-me talvez ! Se por ventura
A cruel que arruinou-me, e por quem morro,
Suspeitasse o projecto que acalento
Em silencio ha tres dias ! Oh ! mulheres !
Mulheres !.....

PANFIÍO , descobrindo Amphilophio.

Grande Deos ! diviso um vulto
Sobre a margem direita d'este rio !

Quem será? Quem será? Tremo de susto!
Parece que me estuda! É necessário
Meu medo disfarçar.

AMPHILOPHIO.

O tal amigo
Começa a incommodar-me! Eu sou valente,
Mas a noite, o lugar, meu triste estado.....

PANFILIO.

Elle tosse, aproxima-se da ponte,
Volta, torna a tossir. Sejamos fortes,
Fallemos. — Oh! vizinho do outro lado,
O que faz o senhor ahí sózinho?
Porque passeia, escarra e estende os braços
Quando eu contemplo as aguas sussurrantes
D'este rio saudoso e merencorio?
Diga-me sem demora!

AMPHILOPHIO.

Por S. Pedro!

E o senhor o que faz? Vamos, responda-me.

Porque contempla as aguas sussurrantes

D'este rio saudoso e merencorio

Quando eu passeio, escarro e estendo os braços?

PANFILIO.

A resposta é difficil, entretanto

Posso lhe asseverar que n'este sitio

Tenho serios negocios.

AMPHILOPHIO.

A estas horas?

N'este lugar deserto? Não ha duvida

O homem tem os sapos por clientes,

Ou é algum ladrão, mas não me assustó,
Não sou mais rico. — Pois também, amigo,
Tenho serios negocios.

PANFILO.

Seja franco,
Somos aqui sózinhos, por ventura
Vem espreitar meus passos ?

AMPHILOPHIO.

Menos essa !
Eu não sou espião, nem o conheço !
E dê graças a Deos se nos separão
As aguas d'este rio, mal criado,
Senão lhe gravaria nas bochechas
Os principios da sã civilidade
E boa educação !

PANFILIO.

Paz, meu amigo,
Paz; a desgraça me tornou grosseiro,
A dôr me transviou!

AMPHILOPHIO

A dôr, entendo,
Entendo, vem aqui chorar seus males?
Eu tambem soffro; diga-me, precisa
De allivio e de consolo?

PANFILIO.

Não; eu venho,
Eu venho aqui morrer! Não ha consolo
Que abrandem minhas mágoas!

AMPHILOPHIO.

O que escuto!

Eu tambem vim aqui buscar a morte
No fundo d'estas aguas ! Deos louvado,
Morrámos juntos como bons parceiros,
Contentes, de mãos dadas, e fujaamos
D'este mundo cruel como dous ebrios
Á meia noite de uma escura tasca.
Mas conte-me primeiro seus pezares ;
Forão azares da fortuna ? A morte
De uma esposa querida ? O vicio ? O crime ?
Erros da mocidade ?

PANFILIO.

Antes o fosse !

De que me serve repetir-lhe a historia

Das mais negras desditas que aniquilão
O coração humano? As tristes lendas
De um amor infeliz ?

AMPHILOPHIO.

Bem o previa.
Sua amante deixou-o.....

PANFILIO.

Sim, deixou-me !
A mim, alma de fogo, alma inspirada,
Cheia de sonhos e illusões formosas,
Por um parvo, um sandêo endinheirado,
Um chatim miseravel, cuja bolsa
Valia mais aos olhos da trahidora
Do que todas as odes e sonetos
Dos poetas da terra!

AMPHILOPHIO.

Pois comigo

Sucedeu o contrario. A minha deosa
Sugou-me á gorda burra o leite todo,
Deixou-me sem vintem. Dizia amar-me,
E no entanto eu soube que passava,
Durante minha ausencia, horas e horas
Entre os braços de um biltre empomadado,
Possessor de uma duzia de bengalas,
Umas de páo com caras de cachorro
Ou patas de Perú, outras de chifre
Com cabeças de Chins, outras mais feias
Que o proprio frontispicio do malandro
Que meus bens devorava em commandita,
A' sombra da velhaca! — Eia, morramos!
Quem pulará primeiro dentro d'agua?
Sem duvida, o senhor?

PANFILIO.

Oh! caro amigo,
A boa educação manda que eu ceda
Esta honra ao mais velho.

AMPHILOPHIO.

Nada, nada,
Nada de ceremonias, eu não gosto
De fofas etiquetas.

PANFILIO.

Pelos anjos!
Eu cumpro o meu dever.

AMPHILOPHIO.

Não, d'este modo
Se gastamos o tempo a rasgar sedas

E fazer cortezias um ao outro
Nenhum se atirá. Bem, concordemos
No que passo a propôr: em voz bem alta
Pronunciemos vezes tres o nome
De nossas infieis, á vez terceira
Arrojemo-nos juntos.

PANFILIO.

Seja, vamos.

AMBOS.

Cinthia !!!

AMPHILOPHIO.

Por Deos, repita, sim, repita!
Cinthia disse, não é?

PANFILIO.

Sim eu o disse,
Disse o senhor tambem!

AMPHILOPHIO.

Eu tambem disse.
E a sua namorada assim se chama?

PANFILIO.

Certamènte.

AMPHILOPHIO.

E sua côr, sua estatura,
Seu aspecto, seu ar, sua morada ?

PANFILIO.

Alta, morena, de anneladas tranças,
Pés e mãos pequeninos, olhos negros,
Moradora na rua das Estrellas
Numero quinze.

AMPHILOPHIO.

É ella! É ella! Não ha duvida!

PANFILIO.

Ella, quem?

AMPHILOPHIO.

Pois não vê? a minha amante.

PANFILIO.

Era o senhor o celebre papalvo?
Era o senhor? Ah! deixe que me ria!
Oh! que aventura! Vale a pena agora
Voltar de novo á vida!

AMPHILOPHIO.

Já lhe disse,
Já lhe fiz ver ha pouco que não gosto
De certas brincadeiras, e mórmente
Na hora de morrer! Quem pensaria
Que era o senhor o biltre, o peralvilho
Complice da malvada! Eu lhe perdôo!

Apparece Marculpho no fundo.

MARCULPHO.

Vou me arrojear ás ondas d'este rio!
Quero morrer, meu plano está formado,

Já não ha nem appello nem aggravo!
Eu um homem de honra e probidade,
Que ha tres annos padeço, trabalhando,
Longe da patria, longe dos amigos,
Acho ao voltar, depois de tantas penas,
Minha mulher perdida e diffamada.
Meu nome escripto em vergonhosos versos
Nas esquinas das ruas! Se eu pudesse
Dos dous marotos me vingar ao menos,
Do tal capitalista e do tal vate!
Mas os patifes hão fugido, e eu morro
Levando este pezar na consciencia!
Porém ouço fallar, vejo dous vultos;
Escutemos.

N'este interim Panfilio tem passado para a outra margem
onde está Amphilophio.

PANFILIO.

Vivamos, companheiro,
A ingrata Cinthia, a estrella impiedosa

Da rua das Estrella perseguida
Pelo remorso, chorará seus crimes,
Nos abrirá de novo os braços meigos,
E nós.....

MARCULPHO.

De Cinthia eu escutei o nome,
Ouvi fallar na rua das Estrellas,
Trata-se d'ella, pelos santos! Calma!
Calma, meu coração!

AMPHILOPHIO.

Viva em socego,
Não amo a companhia em taes materias.
Estou pobre, arruinado, eu o mais rico
Capitalista d'esta terra. Agora,
Dado o caso que viva, o desespero
Não deixará meus passos.

PANFILIO.

Eu não posso
Me olvidar da infiel! Por toda a parte
Sinto o aroma subtil de seus cabellos,
O halito celeste de seus labios,
O imbre mavioso de seus cantos!
Volto de novo á rua das Estrellas,
Caio a seus pés.....'

MARCULPHO, gritando.

Ah! monstros! Ah! perversos!
Eu inda vivo, esperem que lhes mostro
Quanto penetra a ponta de uma faca!

AMPHILOPHIO, espavorido.

Fujamos, meu amigo! É o marido!
É o marido que chegou, fujamos!...

Éil-o! Que brilho seu punhal espalha!...
Como é grande, meu Deos! como é terrível!
Corramos, que já sinto pelo ventre
O imperioso annuncio do perigo!...
• Fica para outro dia o nosso plano!

PANFILIO.

Sim, fujaamos, fujaamos sem demora!

(Saheem correndo.)

MARCULPHO.

Não quero mais morrer! Já descobri-os!
Hei de viver para vingar-me! Eu parto!
Eu parto, e em breve ha de saber o mundo
• O que fez um marido indignado!

ORAÇÃO FUNEBRE

(Rig.-Veda, VIII, 14).

Segue o caminho antigo onde passarão
Outr'ora nossos pais. Vai ver os deoses
Indra, Yama e Varuna.

Livre, dos vícios, livre dos peccados,
Sohe á eterna morada, revestido
De fórmias luminosas.

Volte o olhar ao sol, o sopro aos ares,
A palavra á amplidão, e os membros todos
 Às plantas se misturem.

Mas a essencia immortal, aquece-a, oh ! Agnis,
E leva-a docemente á clara estancia
 Onde os justos habitão,

Para que ahi receba um novo corpo,
E banhada em teu halito celeste
 Outra vida comece.....

Desce á terra materna, tão fecunda,
Tão meiga para os bons que a fronte encostão
 Em seu humido seio.

Ella te acolherá terna e amorosa
Como em seus braços uma mãe querida●
 Acolhe o filho amado.

AO DEOS CREADOR

(Rig.-Veda, VIII, 7).

O Deos da Luz appareceu, e apenas
Elle mostrou-se foi senhor do mundo,
E encheu o céo e a terra.
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!
Que Deos receberá nosso holocausto?

D'elle dimana a vida, a força, o animo.
Á lei que elle traçou todos os seres
Submissos se curvão.

Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro !
Que Deos receberá nosso holocausto ?

Foi elle que formou estas montanhas,
E este mar que rebrame sem descanso,
Os sabios o disserão.

Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro !
Que Deos receberá nosso holocausto ?

É por elle que o céo, a terra, os astros,
Tremem de amor e tremem de desejos
Quando o sol apparece.

Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro !
Que Deos receberá nosso holocausto ?

Quando as tumidas ondas que conservão
A essencia universal se revolvêrão,
Elle agitou-se n'ellas.

Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro !
Que Deos receberá nosso holocausto ?

Ah! proteja-nos elle, o Deos piedoso,

O espirito das cousas invisiveis,

O Senhor do universo!

Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!

Que Deos receberá nosso holocausto?

HYMNO À AURORA

(Rig.-Veda, I, 8).

Ella mostrou-se emfim,
Ella mostrou-se emfim, a mais formosa,
A mais bella das luzes !

Por esse azul setim
Caminhando tão linda e tão garbosa,
Aonde nos conduzes ?

Aonde, branca Aurora?
Filha tambem do Sol, a Noite escura
Tua estrada marcou.

Com as lagrimas que chora,
A vasta senda da eternal planura
Ao passar orvalhou.

Unidas pelo berço,
Ambas iguaes, eternas, successivas
Na marcha e na existencia,

Percorreis o universo,
Aurora e Noite, sempre redivivas,
Oppostas na apparencia.

Rosea filha do Dia,
Brilhante a nossos olhos appareces,
Cheia de gloria e amor;

E espalhas a harmonia,
A vida, o gozo, ao mundo que esclareces
Com teu sacro esplendor.

Segues a mesma senda
Das auroras passadas, e precedes
As que estão no futuro.

Rasgas da Sombra a venda,
E os negros planos previdente impedes
Do crime horrído, escuro.

Ha muito que passarão
Os que virão no céo luzir outr'ora
Teu fulgido clarão.

Seus olhos se apagarão,
E nós por nossa vez tambem agora
Vemos-te n'amplidão.

FIM.

INDICE

	Página
Primeira pagina	7
Viuva e moça	9
Eu amo a noite	17
A volta	23
A despedida.....	27
O vagalume.....	33
Conforto.....	37
Visões da noite.....	40
O canto dos sabiás.....	43
O resplendor do throno.....	47
Em viagem	51
Serenata.....	53

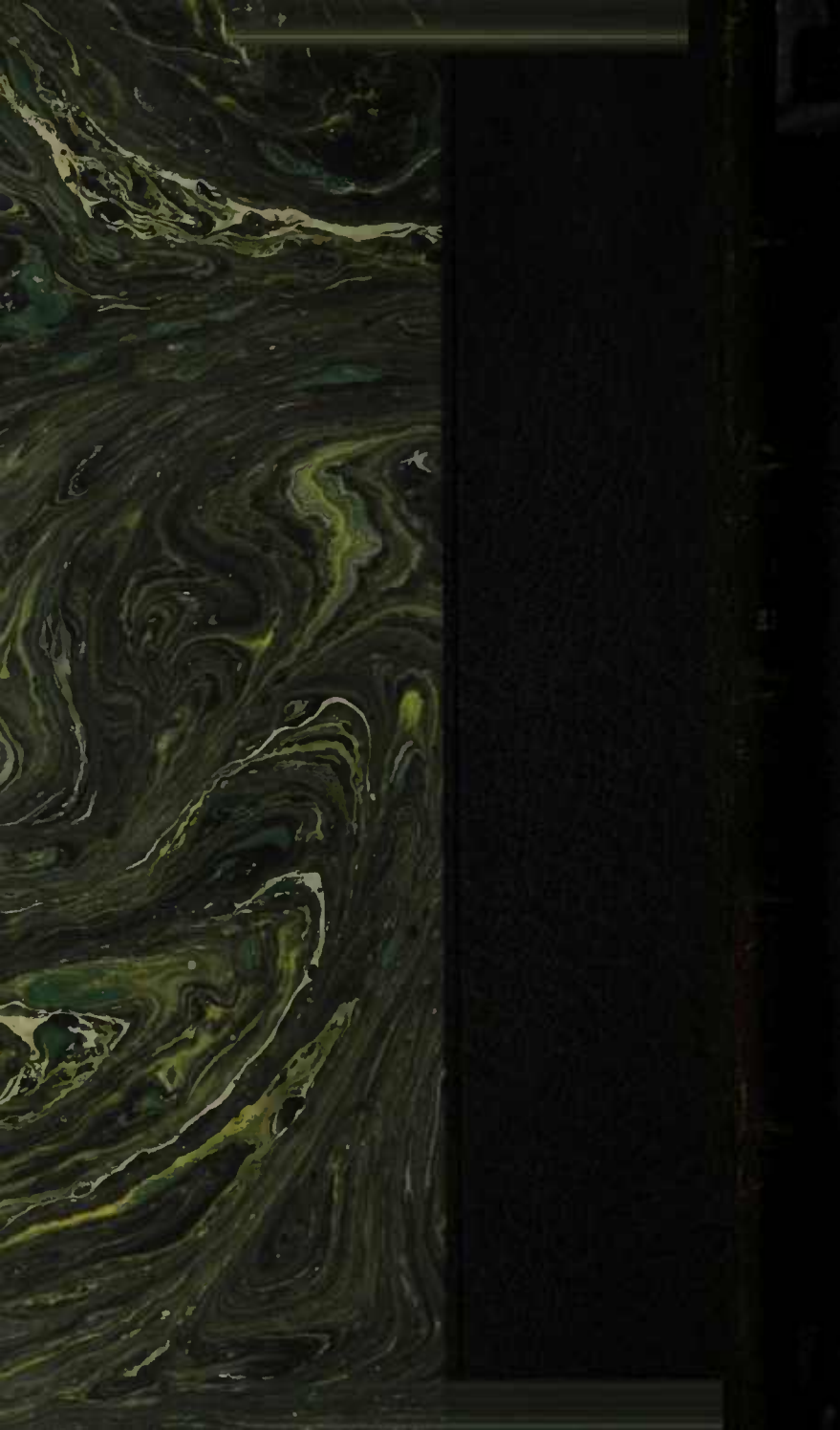
	Página
A sombra.....	57
A diversão.....	63
A lenda do Amazonas.....	69
Estancias.....	81
Quadrinhas.....	85
O general Juarez.....	91
A filha das montanhas.....	103
O filho de S. Antonio.....	109
As lettras.....	113
O arrependimento.....	115
Acusmata.....	119
A sêde.....	137
Enojo.....	167
Lyra.....	169
O mesmo.....	171
A um monumento.....	173
A penna.....	175
Leviandades de Cinthia.....	183
Oração funebre.....	205
Ao Deos creador.....	207
Hymno á Aurora.....	211



Daudet. — O Nababo, 2 v. enc.....	6#000
Dinarte (Silvio). Mocidade de Trajano, 2 vol. enc.....	6#000
— Historias Brasileiras, 1 vol. in-8º enc.....	3#000
— Narrativas militares, 1 vol. enc.....	3#000
Feuillet (Octavo). — Os Amores de Philippe, 1 vol. enc.....	3#000
Flammarion. A pluralidade dos mundos habitados, 2 vol. enc.....	6#000
— Deus e a natureza, 2 vol. enc.....	6#000
Franck (E.) Mariposas, romance brasileiro, 2 vol. enc.....	6#000
G. M. Senhora, perfil de mulher, 2 vol. enc.....	6#000
— Luciola, perfil de mulher, 1 vol. enc.....	3#000
— Diva, perfil de mulher, 3ª edição. 1 vol. enc.....	3#000
Gontran Borys. Os Vadios de Paris, 2 vol. enc.....	6#000
Gabriel Ferry. O Mateiro ou os Bandeirantes. 3 vol. enc.....	9#000
Guimarães (Bernardo). A Escrava Isaura, 1 vol. enc.....	3#000
— O Ermitão do Muquem, 1 vol. enc.....	3#000
— O Seminarista, rom. bras., 1 vol. enc.....	3#000
— Lendas e Romances. Uma Historia de Quilombólas. A Garganta do inferno, a Dança dos Ossos, 1 vol. enc.....	3#000
— O Garimpeiro, romance, 1 v. enc.....	3#000
— Historias e tradições da provincia de Minas-Geraes. A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro. Jupyra, 1 vol. enc.....	3#000
— Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei. 2 v. enc.....	6#000
— Novas poesias, 1 vol. enc.....	3#000
Guimarães Junior. — Nocturnos. 1 vol. enc.....	3#000
— Historias para gente alegre, 2 vol. enc.....	5#000
— Curvas e Zig-Zags, caprichos humoristicos, 1 vol. enc.....	3#000
— Contos sem pretensão, 1 vol. enc.....	3#000
— Filigranas, 1 vol. enc.....	3#000
Gautier (Theophilo). Mademoiselle de Maupin, trad. de Salvador de Mendonça, 1 gr. vol. in-8º enc.....	3#000
— Novellas, 1 vol. enc.....	3#000
— O Rei Candaule. Fortunio, 1 vol. enc.....	3#000
Houssaye (Arsenio). — O Romance da Duqueza, 1 vol. enc.....	3#000
— Mademoiselle Mariani, 1 vol. enc.....	3#000
— Cleopatra, historia parisiense, 1 vol. in-8º enc.....	3#000
— O romance da mulher que amou, 1 vol. enc.....	3#000
Landriot (Monsenhor). — A mulher forte. 1 vol. enc.....	3#000
Liais (Emm.). — Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas, 1 vol. enc.....	3#000
Lucio de Mendonça. — Alvoradas, 1 vol. enc.....	3#000
Macedo (J. M.) Um Noivo a duas Noivas, 3 vol. enc.....	8#000
— A namoradaira, romance. 3 v. enc.....	8#000
— Nina, Romance. 2 vol. enc.....	5#000
— As Mulheres de Mantilha, rom. historico. 2 vol. enc.....	5#000
— A Luneta Magica, romance. 2 vol. enc.....	5#000
— A Moreninha. 1 vol. enc.....	3#000
— Culto do Dever, 1 vol. enc.....	3#000
— Memorias do Sobrinho de meu Tio. 2 vol. enc.....	5#000
— O Moço Loiro, 2 vol. enc.....	6#000
— Os Dous Amores, 2 vol. enc.....	5#000
— Romances da semana, 1 vol. enc.....	3#000
— Rosa, 2 vol. enc.....	5#000
Machado de Assis. — Resurreição, 1 vol. enc.....	3#000
— Historias da Meia-Noite, 1 vol. enc.....	3#000
— Chrysalidas, poesias, 1 vol. enc.....	3#000
— Contos fluminenses, 1 vol. enc.....	3#000
— Helena, 1 vol. enc.....	3#000
— Americanas, poesias, 1 v. enc.....	3#000
Moreira de Azevedo (Dr). — Homens do passado, chronica dos seculos XVIII e XIX, 1 vol. in-8º enc.....	3#000
— Os Francezes no Rio de Janeiro, rom. historico, 1 vol. enc.....	3#000
— Lourenço de Mendonça, rom. historico, 1 vol. enc.....	3#000
— Criminosos Celebres. Episodios historicos, 1 vol. enc.....	3#000

Moreira de Azevedo (Dr). — Curiosidades Brasileiras, 1 v. enc.	3#000
Pereira da Silva. — Aspasia, rom. 1 vol. enc.	3#000
— Jeronymo Côrte Real, 1 vol. enc.	3#000
— Manoel de Moraes, 1 vol. enc.	3#000
Rozendo Muniz. — Favos e Travos, 1 vol. enc.	3#000
G. Sand. — Flamarande, 1 vol. enc.	3#000
— Os dois irmãos (continuação de Flamarande), 1 v. enc.	3#000
Senio. — Guerra dos Mascates, 2 vol. enc.	6#000
— O Gaúcho, romance brasileiro, 2 vol. enc.	6#000
— A Pata da Gazella, romance brasileiro. 1 vol. enc.	3#000
— O Tronco do Ipé, romance brasileiro. 2 vol. enc.	6#000
— Sonhos d'ouro, romance brasileiro, 2 vol. enc.	6#000
Smiles. — O poder da vontade, 1 vol. enc.	6#000
Teixeira e Souza. — Maria ou a menina roubada, 1 vol. enc.	2#500
— O Filho do Pescador, 1 vol. enc.	2#500
Valmont (V.). — O Espião Prussiano, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra franco-prussiana; traduzido por V. Colonna, 1 grosso vol. enc.	3#000
Verne (Julio). — O chancellor, — Martin Vaz, 1 vol. enc.	3#000
— Viagem ao centro da terra. 1 vol. enc.	3#000
— A Ilha Mysteriosa, 3 vol. enc.	9#000
— Viagem ao redor do mundo em 80 dias, 1 vol. enc.	3#000
— Os Filhos do Capitão Grant, 5 volumes enc.	9#000
— A Terra das Pelles, 2 vol. enc.	6#000
— Da Terra a Lua, 1 vol. enc.	3#000
— Ao Redor da Lua, 1 vol. enc.	3#000
— O doutor Ox, 1 vol. enc.	3#000
— Aventuras de tres Russos e de tres Inglezes, 1 vol. enc.	3#000
— Cinco semanas em Balão, 1 vol. enc.	3#000
— Uma cidade fluctuante, 1 vol. enc.	3#000
— Descobrimto prodigioso, 1 vol. enc.	3#000
— Miguel Strogoff ou o Cofreio do Czar, 2 vol. enc.	6#000
— As Indias negras, 1 vol. enc.	3#000
— Heitor Servadae, 2 vol. enc.	6#000
— Grandes viagens e grandes viajantes, 1 vol. enc.	3#000
— Tribulações de um chinez na China, 1 vol. enc.	3#000





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).